

**FRANCISCO TOPA**

**POESIA DISPERSA E INÉDITA**

**DO SETECENTISTA BRASILEIRO**

**FRANCISCO JOSÉ DE SALES**

**Edição do Autor**

**Porto — 2001**



Para o Zé Luís



## ÍNDICE

Apresentação .....	9
Siglas e abreviaturas utilizadas .....	11
<b>I.</b> Introdução à vida e obra de Francisco José de Sales .....	13
<b>II.</b> Inventário testemunhal dos poemas de Francisco de Sales .....	25
<b>A.</b> Poemas de autoria segura .....	27
1. Poemas publicados em vida do autor .....	27
2. Poemas publicados postumamente .....	31
3. Poemas inéditos .....	34
<b>B.</b> Poemas de autoria duvidosa .....	39
<b>III.</b> Normas de transcrição dos poemas e critérios da edição .....	43
1. Opções de base .....	45
2. Normas de transcrição dos poemas .....	46
3. Apresentação do texto crítico e do aparato .....	51

IV. Edição crítica .....	55
A. Poemas de autoria segura .....	57
1. Poemas publicados em vida do autor .....	59
1. Idílio <i>Pela amena campina</i> .....	61
2. Ode <i>Como torna outra vez à nossa idade</i> .....	87
3. Poema <i>O militar esforço</i> .....	94
4. Soneto <i>Ou leve as armas a País remoto</i> .....	104
5. Soneto <i>Pôr duro freio ao dissoluto vício</i> .....	106
6. Soneto <i>Que vejo, ó Céus! É este o desgraçado</i> .....	107
7. Soneto <i>O extenso Pernambuco aos Céus erguia</i> .....	108
2. Poemas publicados postumamente .....	109
8. Soneto <i>Não é mais rara que um sincero amigo</i> .....	111
9. Soneto <i>Se alguém duvida que a beleza influa</i> .....	113
10. Soneto <i>Oxalá que constasse à gente toda</i> .....	115
11. Soneto <i>Nas profundas entranhas de um rochedo</i> .....	117
12. Canção <i>Ó vós, Zéfiros brandos, que voando</i> .....	119
3. Poemas inéditos .....	125
13. Idílio <i>Aonde acaba e estende</i> .....	127
14. Epístola <i>Nem por ver-vos, Amigo, tão ditoso</i> .....	139
15. Ode <i>Não procura palácios suntuosos</i> .....	147
16. Égloga <i>Graças a Deus que já dos seus tesouros</i> .....	150
17. Soneto <i>Contra Amor e Fortuna, meus contrários</i> .....	155
18. Soneto <i>Coridon, Coridon, dentro das veias</i> .....	156
19. Soneto <i>A Lira rouca, já destemperada</i> .....	157
20. Soneto <i>Uma única Ovelha era o meu gado</i> .....	159
21. Soneto <i>Uma tarde, inda o tenho no sentido</i> .....	160

22. Soneto <i>Quanto custa, caríssimo Almenino</i> .....	161
23. Soneto <i>Dum mau Legislador a lei mesquinha</i> .....	162
24. Soneto <i>Visão triste ante os olhos s'of'recia</i> .....	163
25. Soneto <i>Maligna estrela o puro afecto nosso</i> .....	164
26. Soneto <i>Esse laço que armou o Deus vendado</i> .....	165
27. Soneto <i>Por mais que o mar, ó Fábio, embravecido</i> .....	166
28. Soneto <i>É sintoma beleza e formosura</i> .....	167
29. Soneto <i>Cópia gentil que a mão do Omnipotente</i> .....	168
30. Soneto <i>Não é, não, generosa simpatia</i> .....	169
31. Soneto <i>Que acção misteriosa t'embaraça</i> .....	170
32. Soneto <i>Passa o dia, a semana, o mês e o ano</i> .....	171
33. Soneto <i>Não esquece o triunfo já passado</i> .....	172
34. Soneto <i>Compôs um livro o Mestre Frei Luís</i> .....	173
<b>B. Poemas de autoria duvidosa</b> .....	175
35. Soneto <i>O semblante risonho e engraçado</i> .....	177
<b>V. Anotação complementar de poemas</b> .....	179
<b>VI. Bibliografia</b> .....	189





## APRESENTAÇÃO

Este trabalho sobre a poesia de Francisco José de Sales (1735?-1800/1801) resulta da reunião de um conjunto de dados que temos vindo a colher no decurso das nossas pesquisas sobre autores portugueses e brasileiros dos séculos XVII e XVIII.

Natural de Serro Frio, Minas Gerais, Francisco de Sales – tanto quanto permitem supor os escassos dados disponíveis sobre a sua biografia – terá feito toda a sua vida adulta em Portugal. Destacando-se como professor régio de Retórica e Poética e como estudioso dessas matérias, deixou-nos também uma obra poética de certa extensão que merece ser considerada. A quase totalidade dessa produção estava inédita: o próprio Sales publicou apenas seis poemas, incluídos em dois folhetos encomiásticos até agora desconhecidos; ainda em vida do autor, um outro tinha saído anónimo; postumamente, foram editados, também sem indicação de autoria, seis outros, um dos quais oferece algumas dúvidas de autoria.

Procurando contrariar a enraizada tendência para condenar ao esquecimento a quase totalidade da nossa literatura setecentista, daremos a conhecer a obra de Francisco José de Sales que nos foi possível reunir: editaremos as 13 composições já conhecidas, 7 delas com variantes significativas, e um total de 22 novos poemas

(18 sonetos, 1 égloga, 1 epístola, 1 idílio e 1 ode). Como teremos oportunidade de explicar mais à frente, a origem brasileira deste autor quase não deixou marcas na sua poesia. Nesse sentido, não nos parece possível colocar Francisco de Sales ao lado da chamada “plêiade mineira”.

Uma palavra sobre a estrutura desta publicação. Depois da apresentação das siglas e abreviaturas que utilizamos no decurso do trabalho, o livro abre com uma breve introdução à vida e à obra do autor, seguindo-se um inventário testemunhal dos seus poemas. No capítulo seguinte, apresentamos de forma esquemática as normas que seguimos na transcrição dos textos e expomos o modelo e os critérios da nossa proposta de edição crítica, que ocupará o capítulo IV, dividido em duas grandes secções: A. Poemas de autoria segura; B. Poemas de autoria duvidosa. O primeiro grupo comportará três divisões: 1. Poemas publicados em vida do autor; 2. Poemas publicados postumamente; 3. Poemas inéditos. O capítulo V é reservado à anotação complementar de dois poemas. Aí editaremos um soneto inédito de Frei Joaquim Forjaz Pereira Coutinho que serviu de ponto de partida para uma réplica do nosso autor. O volume encerra com uma bibliografia.

## SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

ACL – Academia das Ciências de Lisboa

an. – anónimo

BA – Biblioteca da Ajuda

BADE – Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora

BGUC – Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

BNL – Biblioteca Nacional de Lisboa

BM – Biblioteca Mindlin (biblioteca particular de São Paulo)

BPMP – Biblioteca Pública Municipal do Porto

Cod. – Códice (Série de manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa)

Collecção de Poesias Ineditas – *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Autores Portuguezes*

f. – fólio

FM – Fundo Manizola (Série de manuscritos da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora)

Folheto – *Ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Joam de Almada, e Mello (...)*, de Francisco José de Sales

Januário, Parnazo Brasileiro – Januário da Cunha Barbosa, *Parnazo Brasileiro ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil (...)*

Jornal Encyclopedico – *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora (...)*

Licença – *No dia 21 de Setembro de 1788 (...)* Licença composta por Francisco Joseph de Sales

Miscellanea Curiosa – *Miscellanea Curiosa, e Proveitosa (...)*

FRANCISCO TOPA

---

Ms. – Manuscrito

p. – página

V – Vermelho (Série de manuscritos da Academia das Ciências de Lisboa)

# **I. INTRODUÇÃO À VIDA E OBRA**

**DE FRANCISCO DE SALES**



1. São escassos e insatisfatórios os dados disponíveis sobre a vida de Francisco José de Sales. Apesar dos esforços que fizemos, não conseguimos acrescentar nada de essencial ao pouco que já se sabia. Este será portanto um aspecto que ficará aguardando a oportunidade de uma pesquisa mais demorada, que terá de incluir arquivos de ambos os lados do Atlântico.

Factos essenciais como os limites da existência do autor estão envoltos em alguma controvérsia. Inocêncio Francisco da Silva (1859: III, 56) dá-o como nascido em 1735, veiculando duas opiniões quanto ao local de nascimento: Pernambuco ou Lisboa. Parte da dúvida é esclarecida pelos dados constantes do seu processo como estudante da Universidade de Coimbra: de acordo com o catálogo elaborado por Francisco Morais (1949: 225), o nosso poeta nasceu no Serro Frio, Minas Gerais, e era filho de Francisco Lopes. Por outro lado, o facto de se ter matriculado em *Instituta* a 14/1/1756 torna credível a data de nascimento apontada por Inocêncio. Quanto ao seu percurso universitário, a documentação mostra que se inscreveu em Cânones no ano seguinte e que se matriculou também nos três anos subsequentes. Apesar disso, segundo a informação recolhida por Francisco Morais, não terá concluído o curso, não merecendo por isso o título de “Dr.” que alguns testemunhos manuscritos lhe atribuem.

Pouco se sabe também da actividade profissional de Francisco de Sales. Segundo Inocêncio (1859: III, 56), foi «Professor regio de Rhetorica e Poetica em Lisboa, cargo que exerceu por muitos annos com grande credito do seu nome». De

acordo com a indicação de autoria constante de um dos testemunhos manuscritos que inventariámos (o Ms. 424 do Fundo Manizola da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora, f. 96r), o nosso autor terá igualmente exercido o cargo em Évora. A par do magistério, afirma o autor do *Diccionario Bibliographico* que Francisco de Sales se dedicou também à tradução e anotação de tratados clássicos de retórica e poética. Entre as suas obras desaparecidas estaria, declara Inocêncio, «uma versão completa dos tres livros *De Oratore* de Cicero, na qual vinham apontados todos os logares de que se serviu Quintiliano para as suas *Instituições Rhetoricas*». De acordo com o mesmo bibliógrafo, seriam também dele as notas que acompanham as traduções de Longino e Luciano publicadas em 1771 pelo P.º Custódio José de Oliveira.

Ainda segundo Inocêncio Francisco da Silva, Sales terá sido membro da Arcádia de Lisboa, com o nome de Títilo Partenense.

Relativamente à data do seu falecimento, dispomos apenas do testemunho, não definitivo, do autor do *Diccionario Bibliographico*: 1800 ou 1801.

2. A inventariação rigorosa e sistemática da obra de Francisco José de Sales estava por fazer, o que ajuda a explicar que a crítica e a historiografia literárias sobre o setecentismo ignorem por completo o autor.

Como deixámos dito, Sales apenas publicou seis poemas, incluídos em dois folhetos encomiásticos até agora ignorados. Em rigor, o segundo deles, de 1789 – a que faremos referência no capítulo seguinte – não era inteiramente desconhecido: Inocêncio (1859: II, 413-414) refere-se-lhe, ainda que de forma equivocada, atribuindo-o ao P.º Francisco José da Serra Xavier. Também em vida do autor, mas sem indicação de autoria, saiu, em duas publicações colectivas, o idílio *Pela amena campina* (peça 1 da nossa edição). Pouco depois da morte de Sales, viriam a ser editadas, também anónimas e incluídas numa miscelânea, seis outras composições, uma das quais oferece algumas dúvidas no que respeita à autoria. Aproveitando as



pesquisas que vimos realizando nos últimos anos sobre poetas portugueses e brasileiros dos séculos XVII e XVIII, identificámos em cinco bibliotecas portuguesas e uma estrangeira um total de doze miscelâneas manuscritas que trazem novos e decisivos elementos para a inventariação da obra poética de Francisco José de Sales. Por um lado, descobrimos novos testemunhos para os poemas que tinham saído anónimos. Apresentando variantes significativas, esses manuscritos resolvem também em definitivo a dúvida de autoria que estava colocada. Por outro lado, reunimos 22 composições inéditas (18 sonetos, 1 égloga, 1 epístola, 1 idílio e 1 ode).

Graças a estes novos dados, chegamos assim a um total de 35 poemas – 34 de autoria segura e 1 de autoria controversa –, distribuídos do seguinte modo: 27 sonetos, 2 idílios, 2 odes, 1 canção, 1 égloga, 1 epístola, 1 outro poema. Não sendo muito extensa, pensamos contudo que a obra de Francisco de Sales assim reunida deve ser tida em conta pela crítica especializada que um dia se proponha reler de forma sistemática a literatura deste período.

### 3. Tentemos agora uma caracterização mínima da poesia do nosso autor.

Assumindo registos diversos, o lirismo amoroso é claramente dominante. Um dos motivos mais repetidos é o do sofrimento amoroso, causado pela não correspondência ou pela inconstância da amada. É o que acontece, por exemplo, no soneto *Se alguém duvida que a beleza influa* (peça 9), em que o sujeito se lamenta de «Délia crua», «mais vária que a triforme Lua». Há momentos em que um registo pessoal dá lugar a uma reflexão mais abstracta, igualmente marcada pela desilusão. Sirva de exemplo o soneto *Contra Amor e Fortuna, meus contrários* (peça 17):

Inimigas, não há poder que as una,  
Que sem amor fortuna é bem perdido,  
Como amor é perdido sem fortuna (vv. 12-14).

Outro modo de representação mais distanciada do sofrimento amoroso consiste no tratamento de episódios mitológicos. É o que se verifica nos dois idílios: *Pela amena campina* (peça 1) e *Aonde acaba e estende* (peça 13), que abordam respectivamente a história de Orfeu e o rapto de Europa. Embora esbatida pela não coincidência entre enunciador e sujeito lírico, a força emotiva encontra formas de se exprimir com intensidade. É o que se verifica nos momentos em que a palavra é cedida aos protagonistas. É o que acontece ainda nas passagens em que se esboça um quadro no qual todos os elementos – sobretudo os da natureza – reflectem as emoções do sujeito. Importantes também são os recursos expressivos de que o autor vai lançando mão. Atente-se, a título exemplificativo, na seguinte passagem do primeiro dos idílios, em que a dor sentida por Orfeu perante a perda de Eurídice é comparada com a reacção do rouxinol e do «fiel pombinho»:

Qual Roixinol que a prole  
Do ninho vê roubada,  
Como que dele espera que o console,  
Ao Céu invia a queixa magoada;  
Ou qual fiel pombinho  
Que não bebe água pura se mesquinho  
A doce companheira infeliz perde  
Nem como dantes pousa em tronco verde (vv. 113-120).

O lirismo amoroso surge também numa perspectiva mais eufórica, pautada por uma nota de sensualidade. É o caso da canção *Ó vós, Zéfiros brandos, que voando* (peça 12) e do soneto *Uma tarde, inda o tenho no sentido* (peça 21), este último consagrado à narração bem-humorada de uma ousadia sensual do pastor.

Outra vertente importante da obra de Francisco José de Sales é a poesia de orientação moral e sentenciosa, geralmente marcada por um tom de desalento. Veja-se o soneto *Não é mais rara que um sincero amigo* (peça 8), que aborda o tópico da amizade: «E tu que amigo verdadeiro achares,/ Dize que a Fénis encontrar soubeste (vv. 13-14). Ou aquele que começa por *Oxalá que constasse à gente toda* (peça 10), sobre a instabilidade da Fortuna: «Depois de gasta a vida em esperança,/ Não dura o teu favor mais do que um dia» (vv. 13-14). Ou ainda o que o autor consagra «À brevidade da vida» (peça 32):

Passa o dia, a semana, o mês e o ano,  
E sendo cada instante um homecida,  
A esta perene morte chama vida,  
Por antífrase, cego o nosso engano (vv. 1-4).

Na poesia deste tipo destaca-se também o aproveitamento de figuras e temas da histórica clássica. É o que se verifica nos sonetos *Não é, não, generosa simpatia* (peça 26) e *Que acção misteriosa t'embaraça* (peça 27). Já na ode *Não procura palácios suntuosos* (peça 15), o tema da saúde – que o autor considera «(...) Filha do Céu, Mãe da alegria,/ Dom de Deus piedoso» (vv. 25-26), «Só aos justos devido» (v. 44) – é aproveitado para uma crítica aos:

(...) ímpios que se assentam  
A saborosas mesas,  
Que adormecem em leitos guarnecidos  
De seda preciosa (vv. 45-48).

Orientação mais didáctica revela o soneto *Por mais que o mar, ó Fábio, embravecido* (peça 27), que reflecte sobre «o valor do varão forte».

Interessante também é o único texto satírico de Sales, o soneto *Compôs um livro o Mestre Frei Luís* (peça 34), que replica com graça a um outro soneto feito em ataque ao *Compendio de Orthographia*, de Frei Luís do Monte Carmelo:

O Mestre fez um livro de Aprendiz,  
O Poeta um soneto de Rapaz;  
Que só podem servir cá para trás,  
Na limpeza do fétido país (vv. 5-8).

Apesar de revelarem uma adesão a alguns dos princípios da ilustração pombalina, parecem-nos menos conseguidos os poemas encomiásticos: a ode *Como torna outra vez à nossa idade* (peça 2) e o poema *O militar esforço* (peça 3) mais os quatro sonetos seguintes. O primeiro é dedicado a João de Almada e Melo, enaltecendo a sua actuação governativa no Porto e os vários domínios da renovação que empreendeu (obras públicas, economia, justiça, artes). A primeira estrofe pode servir para ilustrar o tom do encómio:

Como torna outra vez à nossa idade  
O tempo de Saturno!  
Quem, para a revestir de claridade,  
Levanta o véu nocturno  
Que as terras assombrava! A quem devemos  
O júbilo que vemos  
Por elas espargido! Só logrado  
No século doirado! (vv. 1-8)

Os outros textos mencionados são dirigidos a D. Tomás José de Melo, Governador de Pernambuco e Paraíba, e constituem a marca mais visível da presença do Brasil na obra de Francisco de Sales. Com uma orientação semelhante à da ode

atrás comentada, estes cinco poemas destacam os melhoramentos introduzidos por D. Tomás de Melo, ao nível das obras públicas, da administração, do exército, do ensino, da assistência social e hospitalar. Um aspecto curioso do primeiro texto tem a ver com o grande número de notas explicativas que o acompanham. O conhecimento preciso da realidade local e da actuação do governante revelado por essas notas não deixa de ser surpreendente. Teria o nosso autor um correspondente local que lhe facultasse essas informações ou conheceria *de visu* a matéria de tais poemas? Infelizmente, a escassa informação biográfica disponível não permite responder à pergunta.

De qualquer modo, quer se tenha realizado ou não a viagem a Pernambuco, a verdade é que o Brasil está praticamente ausente da obra de Sales. A única referência “ufanista” a esse espaço ocorre no poema *O militar esforço*, quando se fala no «(...) Território vasto/ Deste fértil País (...)» (vv. 29-30); mas a verdade é que o contexto, com o enaltecimento de D. Maria I, desvaloriza esse hipotético sinal: «(...) que a Vós confia/ A mais alta Rainha do Universo» (vv. 30-31). A outra referência, de sinal contrário, ao Brasil ocorre na ode *Não procura palácios suntuosos*, quando o autor menciona os «ocultos sertões» (v. 35) e o «Bárbaro Tapuia» (v. 36).

Antes de terminar, importa ainda chamar a atenção para um aspecto, lateral mas importante, de um dos poemas, a epístola *Nem por ver-vos, Amigo, tão ditoso* (peça 14). Trata-se da reflexão metapoética presente no momento inicial do texto, que serve de introdução à expressão da mágoa sentida pelo sujeito perante a partida do amigo. Ainda que não apresente novidades significativas do ponto de vista da teoria poética, cremos que este momento em que o autor discorre sobre a adequação do estilo à matéria do texto deve ser assinalado:

Não pertendais de mim verso alto e erguido,  
Que só costuma ser pesada e triste  
A frase em que se explica algum gemido.

Que seja nessa ou noutra, não consiste  
Nisso a graça dos Versos, se são feitos  
À imitação da dor que n'Alma assiste.

Pastores ouvi já que por conceitos  
Somente se explicavam; mas contudo  
Não eram no lugar os mais aceitos.

Quem sofrera um tormento fero e duro  
Que fé nos merecera se o contara  
Da maneira que conta o mais sesudo?

Por mais alta expressão com que buscara  
Fazer-nos vivamente uma pintura  
De seus males, ninguém lha acreditara.

De um que vive malquisto da Ventura  
Que se pode esperar senão que diga  
Forçados versos de cadência dura? (vv. 7-24)

Posto isto, falta-nos ainda fazer um comentário sobre a arte versificatória da obra de Francisco José de Sales. Antes de mais, parece-nos importante sublinhar a variedade de formas poemáticas: soneto, idílio, ode, canção, égloga, epístola e ainda um poema de outro tipo. Por outro lado, convém notar a diversidade de esquemas estróficos, métricos e rimáticos, que em parte decorre da variedade das formas acabadas de mencionar. Relativamente ao primeiro aspecto, o autor recorre sobretudo à oitava, ao terceto e à quadra, mas apresenta também um texto com estrofação irregular. O metro dominante é o decassílabo, que, nos poemas mais longos,

alterna com frequência, em modelos diversos, com o seu quebrado. Quanto à rima, os esquemas são variados, havendo contudo poemas de versos brancos.

Não se afastando da linha dominante da nossa poesia arcádica, a obra de Francisco José de Sales apresenta contudo, em nossa opinião, motivos de interesse que justificam a utilidade desta tentativa de reunião.





## **II. INVENTÁRIO TESTEMUNHAL DOS POEMAS**

**DE FRANCISCO JOSÉ DE SALES**



Fazemos notar que a indicação dos testemunhos manuscritos será feita através das siglas arroladas no início do volume. Em primeiro lugar, será apontada a biblioteca a que o testemunho pertence e, se for caso disso, a respectiva colecção; em seguida virá indicado o número do manuscrito ou códice e depois as páginas ou fólios em que o poema ocorre. No final, caso o texto não seja atribuído a Francisco José de Sales, virá entre parênteses o nome do autor proposto ou a indicação de que se trata de uma composição anónima.

## **A. Poemas de autoria segura**

### **1. Poemas publicados em vida do autor**

#### *1. Idílio *Pela amena campina**

Testemunhos impressos

– *Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, ou Compilação, tirada das melhores obras das nações estrangeiras*; traduzida, e ordenada por \*\*\* C.I., tomo VI, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1784, 337-349 (an.)

– *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e*

*artes*, Abril de 1789; Lisboa, Offic. de Filippe da Silva e Azevedo, 1789, 106-122 (an.)

– Januário da Cunha Barbosa – *Parnazo Brasileiro ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas*, tomo I, caderno 2.º, Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Nacional, 1830, 17-29

#### Testemunhos manuscritos

- BADE, FM, Ms. 424<sup>1</sup>, f. 65r-72v
- BGUC, Ms. 2555<sup>2</sup>, f. 10v-19v
- BNL, Cod. 11491<sup>3</sup>, 1-31
- BPMP, Ms. 1129<sup>4</sup>, 108-121

Embora nas duas primeiras publicações, contemporâneas do autor, o poema tenha saído anónimo, os quatro testemunhos manuscritos que descobrimos são unânimes na atribuição da autoria a Francisco José de Sales.

## 2. Ode *Como torna outra vez à nossa idade*

#### Testemunho impresso

– Folheto sem data, sem indicação do impressor e sem paginação, intitulado *Ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Joam de Almada, e Mello. Do Concelho de S. M. F. Tenente General dos seus Exércitos, com o Governo das Armas do Porto, e seu Partido. Governador das Justiças, Prezidente da Marinha, e da Câmera da mesma Cidade,*

---

<sup>1</sup> Trata-se de um cancionero poético que abarca textos da segunda metade do século XVIII.

<sup>2</sup> É também uma miscelânea poética que inclui poemas do mesmo período.

<sup>3</sup> Este florilégio apresenta o seguinte título: «Obras Poeticas/ Recopiladas do Entuziasmo/ de/ Varios Engenhos modernos./ Lisboa/ =1773=».

<sup>4</sup> Miscelânea que recolhe poemas do final do século XVIII.

&c. &c. &c. No final vem: «Offerecida por Francisco Joseph de Sales. S. D. A. L. P.»

Apesar de não datada, é quase certo que esta publicação seja anterior a 1786, data do falecimento de João de Almada e Melo.

### 3. Poema *O militar esforço*

Testemunho impresso

– No dia 21 de Setembro de 1788. *Faustissimo pelo nascimento do Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor D. Thomaz Joseph de Mello, do Conselho de Sua Magestade, Cavalleiro da Sagrada Religião de Malta, Coronel do Mar, da Armada Real da mesma Senhora, Governador, e Capitão General de Pernambuco, Paraíba, e mais provincias annexas, &c. &c. &c. Acabada a representação do insigne drama de Metastasio intitulado ‘Ezio em Roma’ recitou o primeiro actor a seguinte Licença composta por Francisco Joseph de Sales, Lisboa, Offic. Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1789, 3-11*

Num artigo consagrado ao P.<sup>o</sup> Francisco José da Serra Xavier, Inocêncio Francisco da Silva (1859: II, 413-414) refere duas publicações em que este presbítero secular e cronista ultramarino teria usado o pseudónimo de *Francisco José de Sales*. À primeira delas faremos referência no final deste inventário. A segunda é justamente o folheto de que estamos a tratar. A afirmação do ilustre bibliógrafo parece-nos claramente equivocada, tanto mais que não são apresentados argumentos justificativos. Por outro lado, não vemos que necessidade pudesse ter o P.<sup>o</sup> Serra Xavier de recorrer a um pseudónimo. Além disso, se tal se tivesse verificado, não seria razoável que fosse optar por um que coincidia com o nome de um poeta con-

temporâneo. Supomos aliás que a declaração de Inocêncio se explica em parte pelo facto de o autor do *Diccionario Bibliographico* desconhecer que o nosso poeta – a que se refere como Francisco de Sales – se chamava efectivamente *Francisco José de Sales*.

4. Soneto *Ou leve as armas a País remoto*

Testemunho impresso

– *No dia 21 de Setembro de 1788 (...) Licença composta por Francisco Joseph de Sales, 1789, p. 12*

5. Soneto *Pôr duro freio ao dissoluto vício*

Testemunho impresso

– *No dia 21 de Setembro de 1788 (...) Licença composta por Francisco Joseph de Sales, 1789, p. 13*

6. Soneto *Que vejo, ó Céus! É este o desgraçado*

Testemunho impresso

– *No dia 21 de Setembro de 1788 (...) Licença composta por Francisco Joseph de Sales, 1789, p. 14*

7. Soneto *O extenso Pernambuco aos Céus erguia*

Testemunho impresso

– *No dia 21 de Setembro de 1788 (...) Licença composta por Francisco Joseph de Sales, 1789, p. 15*

**2. Poemas publicados postumamente**

8. Soneto *Não é mais rara que um sincero amigo*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Authores Portuguezes, tomo II, Lisboa, Nova Offic. de João Rodrigues Neves, 1810, p. 8 (an.)*

Testemunhos manuscritos

– BADE, FM, Ms. 424, f. 31v

– BNL, Cod. 8610<sup>5</sup>, p. 15

Este e os quatro poemas seguintes, apesar de terem saído anónimos, não colocam problemas de autoria, dado que os testemunhos manuscritos que descobrimos são unânimes na indicação de Francisco de Sales como seu autor. Em relação aos

---

<sup>5</sup> Este códice intitula-se «Collecção/ de/ Sonetos,/ que se não achão/ impresos, extra=/ hidos dos ms / antigos, e/ moder/ nos./ 1786».

sonetos, confirma-se assim a informação de J.J.C. Pereira e Sousa referida por Inocêncio (1870: IX, 373).

9. Soneto *Se alguém duvida que a beleza influa*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas (...)*, II, 1810, p. 9 (an.)

Testemunhos manuscritos

– BA, Ms. 50-III-48<sup>6</sup>, f. 1v

– BADE, FM, Ms. 424, f. 43r

– BM, Ms. intitulado «Flores do Parnazo»<sup>7</sup>, V, [p. 32]

– BNL, Cod. 8610, p. 16

10. Soneto *Oxalá que constasse à gente toda*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas (...)*, II, 1810, p. 10 (an.)

Testemunho manuscrito

– BADE, FM, Ms. 424, f. 27r

– BNL, Cod. 8610, p. 21 (an.)

---

<sup>6</sup> Miscelânea poética com matéria do final do século XVIII.

<sup>7</sup> O cancionero apresenta o seguinte título: «Flores do/ Parnazo/ ou/ Collecção/ de/ Obras Poeticas/ de/ Diferentes Auctores/ Junctas pelo cuidado/ de/ J... N... S... M...»; tomo V. Cota: RBM / 5 / b.



11. Soneto *Nas profundas entranhas de um rochedo*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas (...)*, II, 1810, p. 11 (an.)

Testemunhos manuscritos

– BNL, Cod. 8610, p. 213

– BM, Ms. intitulado «Flores do Parnazo», V, [p. 93]

12. Canção *Ó vós, Zéfiros brandos, que voando*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas (...)*, II, 1810, pp. 68-70 (an.)

Testemunhos manuscritos

– BGUC, Ms. 2555, f. 6r-8r

– BM, Ms. intitulado «Collecção Poetica»<sup>8</sup>, II, f. 49v-51v (an.)

---

<sup>8</sup> Cancioneiro que inclui composições da segunda metade do século XVIII. A sua cota é RBM/5/b.

### 3. Poemas inéditos

13. Idílio *Aonde acaba e estende*

Testemunho manuscrito

– BADE, FM, Ms. 424, f. 60r-65r

14. Epístola *Nem por ver-vos, Amigo, tão ditoso*

Testemunho manuscrito

– BADE, FM, Ms. 424, f. 83r-85v

15. Ode *Não procura palácios suntuosos*

Testemunho manuscrito

– BADE, FM, Ms. 424, f. 96r-97r

16. Égloga *Graças a Deus que já dos seus tesouros*

Testemunho manuscrito

– BGUC, Ms. 2555, f. 8r-10r

17. Soneto *Contra Amor e Fortuna, meus contrários*

Testemunho manuscrito  
– BNL, Cod. 8610, p. 269

18. Soneto *Coridon, Coridon, dentro das veias*

Testemunho manuscrito  
– BNL, Cod. 8610, p. 270

19. Soneto *A Lira rouca, já destemperada*

Testemunhos manuscritos  
– BADE, FM, Ms. 542<sup>9</sup>, p. 234  
– BNL, Cod. 8603<sup>10</sup>, p. 607  
– BNL, Cod. 8610, p. 271

20. Soneto *Uma única Ovelha era o meu gado*

Testemunho manuscrito  
– BNL, Cod. 8610, p. 272

---

<sup>9</sup> Cancioneiro com matéria poética do final do século XVIII.

<sup>10</sup> Miscelânea contendo composições da segunda metade do século XVIII.

21. Soneto *Uma tarde, inda o tenho no sentido*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 273

22. Soneto *Quanto custa, caríssimo Almenino*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 274

23. Soneto *Dum mau Legislador a lei mesquinha*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 275

24. Soneto *Visão triste ante os olhos s'of'recia*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 276

25. Soneto *Maligna estrela o puro affecto nosso*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 277

26. Soneto *Esse laço que armou o Deus vendado*

Testemunho manuscrito  
– BNL, Cod. 8610, p. 301

27. Soneto *Por mais que o mar, ó Fábio, embravecido*

Testemunho manuscrito  
– BNL, Cod. 8610, p. 302

28. Soneto *É sintoma beleza e formosura*

Testemunho manuscrito  
– BNL, Cod. 8610, p. 303

29. Soneto *Cópia gentil que a mão do Omnipotente*

Testemunho manuscrito  
– BNL, Cod. 8610, p. 304

30. Soneto *Não é, não, generosa simpatia*

Testemunho manuscrito  
– BNL, Cod. 8610, p. 305

31. Soneto *Que acção misteriosa t'embaraça*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 306

32. Soneto *Passa o dia, a semana, o mês e o ano*

Testemunho manuscrito

– BNL, Cod. 8610, p. 307

33. Soneto *Não esquece o triunfo já passado*

Testemunho manuscrito

– BM, Ms. intitulado «Flores do Parnazo»<sup>11</sup>, IV, [p. 141]

34. Soneto *Compôs um livro o Mestre Frei Luís*

Testemunhos manuscritos

– BM, Ms. intitulado «Flores do Parnazo», V, [p. 80]

– BNL, Cod. 8582<sup>12</sup>, p. 81 (an.)

---

<sup>11</sup> É o seguinte o título completo desta miscelânea: «Flores do/ Parnazo/ ou/ Collecção/ de/ Obras Poeticas/ de/ Differentes Auctores/ Junctas pelo cuidado/ de/ J... N... S... M...»; tomo IV. Cota: RBM / 5 / b.

## **B. Poemas de autoria duvidosa**

### 35. Soneto *O semblante risonho e engraçado*

Testemunho impresso

– *Collecção de Poesias Ineditas (...)*, II, 1810, p. 12 (an.)

Testemunhos manuscritos

– BADE, FM, Ms. 424, f. 27v

– BNL, Cod. 8610, p. 17

– BNL, Cod. 8603, p. 602 (Manuel Inácio de Sousa)

– BPMP, Ms. 1129, p. 31 (Manuel Inácio de Sousa)

– BA, Ms. 50-III-48, f. 2r (an.)

Como se vê, dos 6 testemunhos arrolados, 2 atribuem o soneto a Francisco de Sales, 2 a Manuel Inácio de Sousa<sup>13</sup>, ao passo que em 2 outros ele vem anónimo. Nestas condições, não nos parece possível tomar uma posição definitiva quanto à autoria, embora pensemos que deva ser atribuído um crédito especial ao códice 8610 da BNL, na medida em que – tendo sido elaborado em 1786 – é o mais antigo

---

<sup>12</sup> O códice apresenta como título «Poesias/ particulares/ de/ diversos authores./ Anno/ de/ MDCCCXIII».

<sup>13</sup> Natural da Horta – ilha do Faial, Açores –, viveu entre 1739 e 1801. Ver o nosso trabalho *Edição Crítica da Obra do Poeta Setecentista Manuel Inácio de Sousa 'Faialense'*, Porto, Edição do Autor, 1998.

dos testemunhos expressamente datados. Além disso, temos ainda a indicação de J.J.C. Pereira e Sousa referida por Inocêncio (1870: IX, 373), que vai no mesmo sentido.

Concluído este inventário testemunhal dos poemas de Francisco José de Sales, resta fazer um balanço. Arrolámos um total de 35 poemas – 34 de autoria segura e 1 de autoria controversa –, 22 dos quais inéditos que nós descobrimos, distribuídos do seguinte modo:

- sonetos – 27 (18 inéditos);
- idílios – 2 (1 inédito);
- odes – 2 (1 inédita);
- canções – 1;
- églogas – 1 (inédita);
- epístolas – 1 (inédita);
- outros poemas – 1.

Para além de poesias, Francisco de Sales escreveu também textos em prosa. No artigo que lhe dedica, Inocêncio Francisco da Silva (1859: III, 56-57) refere seis cartas impressas:

- *Carta remetida ao reverendo P. Theodoro d’Almeida, Académico da nova Academia das Sciencias de Lisboa e da de Biscaia, sobre o merecimento da Oração que recitou na abertura da Academia em 4 de Julho de 1780;*
- *Carta escripta a um amigo, sobre o merecimento da oração de abertura da Academia das Sciencias, em a tarde de 4 de Julho de 1780;*
- *Carta escripta a um amigo, dando-lhe conta do que observou na Academia das Sciencias, na tarde de 18 de Outubro de 1780;*
- *Carta critica, que escreveu F. ao Visconde de Barbacena, como Secretraio da Academia das Sciencias de Lisboa;*



– *Carta em resposta á que escreveu um Official francez sobre as cousas de Portugal;*

– *Carta que um sujeito de Beja escreveu a um amigo de Lisboa, que lhe tinha mandado a Ethica de Heinecio traduzida em portuguez por Bento José de Sousa Farinha, na qual se faz uma anatomia critica á dedicatoria da dita obra, com uma carta em linguagem antiga.*

O bibliógrafo admite também que sejam de Sales as notas que acompanham as traduções de Longino e Luciano feitas pelo P.<sup>o</sup> Custódio José de Oliveira: *Dionysio Longino, tractado do Sublime, traduzido da lingua grega na portugueza* e *Luciano, sobre o modo de escrever a Historia. Traduzido na lingua portugueza*, ambas publicadas em 1771 (Lisboa, Regia Officina Typografica). Outro texto que Inocêncio considera que poderá pertencer a Francisco de Sales é a *Carta Escripta ao Senhor Domingos dos Reys Guita, que serve de resposta a outra, que lhe escreveu hum seu amigo; e corre impressa com os seus versos* (s.l., s. impr., s.d.). Conforme já tivemos oportunidade de demonstrar<sup>14</sup>, esta última suposição está errada: o autor do texto é Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral.

Um último trabalho de Francisco José de Sales será o prefácio e as notas de *Elisio e Serrano. Dialogo em que se defende e illustra a Bibliotheca Lusitana contra a Prefação da Lusitania Transformada. Escrita por hum Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1782. Inocêncio Francisco da Silva, no artigo que dedica ao P.<sup>o</sup> Francisco José da Serra Xavier (1859: II, 413-414), considera contudo que *Francisco José de Sales* foi um pseu-

---

<sup>14</sup> Em *Para uma Edição Crítica da Obra do Arcade Brasileiro Silva Alvarenga – Inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*, Porto, Edição do Autor, 1998, p. 132.

dónimo usado por esse presbítero secular. Pelas razões que deixámos expostas no ponto 3. deste inventário, entendemos que a declaração do autor do *Diccionario Bibliographico* está equivocada.

### **III. NORMAS DE TRANSCRIÇÃO DOS POEMAS**

#### **E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO**



## 1. Opções de base

Como se viu no capítulo anterior, a tradição dos poemas de Francisco José de Sales, não sendo grandemente complexa, também não é uniforme. Cada texto apresenta um leque testemunhal diferente, havendo variações significativas no número e no tipo de testemunhos. Embora a maioria das composições seja transmitida por um único testemunho (manuscrito), há outras que são veiculadas por vários (num máximo de sete, entre impressos e manuscritos).

Esta circunstância leva a que cada poema tenha de ser encarado como um caso individualizado. Relativamente àqueles que são transmitidos por vários testemunhos divergentes, resolvemos seguir a versão que, em confronto com as restantes, nos pareceu a melhor pelo facto de oferecer uma lição idónea e coerente para o texto em causa. Nesse processo, optámos por editar da forma mais próxima possível o testemunho escolhido como versão base, evitando a introdução de emendas, para que o produto final não fosse uma construção híbrida, resultante do contributo de testemunhos diversos. Apesar disso, não nos furtámos à responsabilidade de, em casos muito pontuais – todos devidamente assinalados e justificados – efectuar algumas correcções, quase sempre relacionadas com lapsos gramaticais ou com questões de pontuação.

O desejo de nos mantermos fiéis ao testemunho que em cada caso elegemos como versão base levou-nos também a evitar a normalização dos traços susceptí-

veis de terem repercussões fonéticas ou sobre outros aspectos da arte poética das composições.

## 2. Normas de transcrição dos poemas

Como é sabido, a ortografia desta época – sensivelmente o último quartel do século XVIII – ainda não é uniforme. As oscilações são numerosas, sobretudo ao nível do vocalismo, pelo que nem sempre é fácil perceber se se trata de meras variantes gráficas.

Assim, e de acordo com as opções de base expostas no ponto anterior, actualizámos apenas os traços gráficos que não colocam dúvidas, procurando oferecer um texto crítico uno e fidedigno também do ponto de vista linguístico.

Vejamos então as normas de transcrição que adoptámos:

### I. Vogais

1. Normalizámos de acordo com o uso moderno a representação da vogal oral fechada posterior em posição átona, grafando *suspirar* em vez de *sospirar* e *cobiça* em lugar de *cubiça*;
2. Normalizámos as grafias alternantes das vogais nasais: seguidas de *m* ou *n* antes de consoante, de *m* em final de sílaba, com til antes de vogal *e*, em palavras como *lã* ou *irmã*, em final de palavra;
3. Relativamente às formas femininas do artigo e do pronome indefinido, os testemunhos manuscritos oscilam entre a sua representação em hiato – *(h)ũa*, *algũa* – e a grafia com a consoante nasal bilabial. É sabido contudo que o desenvolvimento da consoante em causa terá ocorrido nos finais do século XVI, ainda que a grafia

moderna tenha tardado a generalizar-se. Optámos assim pela grafia actual dessas formas;

4. Substituímos o *y* por *i*, em palavras como *lyra* e *nynfa*;

5. Normalizámos a representação dos ditongos nasais, de acordo com a norma actual: vogal seguida de *e* (*e*, mais raramente, de *i*) ou de *o*, com til sobre a primeira, ou vogal seguida de *m* ou *n*. Assim, *fundaçam*, *choravão*, *tãobem* ou *naçoens* passaram a *fundação*, *choravam*, *também* e *nações*;

6. Modernizámos a grafia dos ditongos orais, representando com *i* e *u* as semivogais. São frequentes nos testemunhos as grafias que acusam vestígios do hiato, mas, de acordo com os dados da história da língua, ele já estaria resolvido desde, pelo menos, o início do século XVI. Assim: *anaes* > *anais*; as formas de 2.<sup>a</sup> pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos da 1.<sup>a</sup> conjugação (como *amaes*) > *amais*; *pao* > *pau*; *vea* > *veia*; as formas rizotónicas do presente do indicativo de verbos em -ear (como *rodea*) > *rodeia*; *feo* > *feio*; *véo* > *véu*; as formas de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação (como *enterneço*) > *enterneceu*; as formas de 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo de verbos da 2.<sup>a</sup> conjugação do tipo de *roer* (como *róe*) > *rói*; *heróe* > *herói*; as formas de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do perfeito do indicativo dos verbos da 3.<sup>a</sup> conjugação (como *sentio*) > *sentiu*;

7. Relativamente aos ditongos orais crescentes, em regra pouco estáveis, optámos também por representar a semivogal através de *u* (*goarnecer* > *guarnecer*), à excepção dos casos em que a grafia actual conservou o *o*, como acontece em *mágoa*;

8. Na medida em que correspondem a realizações alternantes, conservámos certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, designadamente as oscilações entre *a* e *e*, como em *melancólico* / *melencólico*; entre *e* e *i*, como em *desgraça* / *disgraça*; entre *i* e *e*, como em *distrito* / *destrito*; entre *o* e *e*, como em *formoso* / *fermoso*; entre *ou* e *oi*, como em *outeiro* / *oiteiro*;

## II. Consoantes

9. Dado tratar-se de um mero diacrítico sem valor fonético, regularizámos o emprego do *h* de acordo com a norma actual. Eliminámo-lo, designadamente em posição inicial (como nas formas do verso *ser*), em posição intervocálica (como em *cahir*), nos casos em que apresenta valor etimológico (como *inhóspito*) e nos chamados dígrafos helenizantes, como *th* (*theatro*); introduzimo-lo em casos como *orroroso*;

10. Por não serem reflexo da pronúncia, simplificámos formas ortográficas latinizantes, como as consoantes dobradas, exceptuando *r* e *s* em posição intervocálica e com valor, respectivamente, de vibrante múltipla e sibilante surda. Assim, por exemplo, *abbreviar* > *abreviar*; *accender* > *acender*; *soffrer* > *sofrer*; *donzella* > *donzela*; *inflammar* > *inflamar*; *tiranno* > *tirano*; *súpplica* > *súplica*; *setta* > *seta*;

11. Por se tratar também de um mero latinismo gráfico que nunca chegou a reflectir-se na pronúncia do português, eliminámos o *s* do grupo inicial *sc-*, passando *scena* a *cena*;

12. Pelos mesmos motivos, simplificámos de acordo com a norma moderna grupos em posição medial como *-ct-* (*aflicto* > *aflito*); *-gm-* (*augmentar* > *aumentar*); *-mn-* (*solemne* > *solene*); *-ps-* (*isempção* > *isenção*); *-pt-* (*prompto* > *pronto*). Mantive-mo-los em todos os casos previstos no uso actual, respeitando contudo, em grupos como *-bt-*, *-gn-*, *-pt-* e *-sc-*, oscilações do tipo *sutil* / *subtil*, *malino* / *maligno*, *corruto* / *corrupto* e *decer* / *descer*;

13. Representámos as oclusivas velares segundo o uso moderno, passando assim *Acheronte* a *Aqueronte*;

14. Regularizámos também a representação das fricativas. Assim:

– a fricativa labiodental sonora virá transcrita como *f*, o que implica a substituição do dígrafo helenizante *ph* em palavras como *Orpheu*;

– as fricativas alveolares virão grafadas segundo as normas actuais, pelo que *assor* ou *prezo* passarão a *açor* e *preso*;



– a fricativa palatal surda será representada como *ch*, *s*, *x* ou *z*, segundo o uso moderno, pelo que *deichar*, *fexar* ou *atraz* passarão a *deixar*, *fechar* e *atrás*;

– a fricativa palatal sonora virá transcrita como *g* ou *j*, de acordo com as regras de hoje, pelo que *geito* passará a *jeito*;

15. Conservámos certas formas arcaicas ou populares de grafia dupla, na medida em que parecem corresponder a realizações alternantes. É o caso das ocorrências metatáticas do grupo consoante + *r*, como em *pertender*;

### III. Aspectos morfológicos

16. Separámos e unimos as palavras de acordo com o uso moderno, escrevendo, por exemplo, *jamaiz* em lugar de *já mais* (adv.);

17. Desenvolvemos as abreviaturas, aliás pouco frequentes e de fácil resolução;

18. Distinguimos, de acordo com a grafia actual, as interjeições *ó* e *oh*, reservando a primeira para uma função de invocação e a segunda para enunciados que traduzem espanto, alegria ou desejo;

19. Conservámos arcaísmos morfológicos do tipo de *aceito* (particípio passado de *aceitar*);

20. Respeitámos todas as formas que evidenciam processos de redução silábica, como *surprender* e a forma de 3.<sup>a</sup> pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ver* (*vêm*);

### IV. Diacríticos

21. Regularizámos o uso dos acentos;

22. Eliminámos o apóstrofo em contracções do tipo de *n'um*, mas usámo-lo para indicar certos casos de elisão vocálica;

23. Introduzimos o hífen para separar os pronomes enclíticos e mesoclíticos e ainda em palavras compostas do tipo de *bem-aventurado*;

#### V. Maiúsculas e pontuação

24. Evitámos introduzir modificações no que respeita ao uso da maiúscula, pelo que – atendendo também ao seu provável valor expressivo – preferimos mantê-la mesmo nos casos que se afastam do uso actual. Apesar disso, tentámos contrariar a diversidade de práticas nos testemunhos, generalizando o uso da maiúscula no início de cada verso;

25. Cientes de que a pontuação intervém na configuração rítmica e entonacional do verso e tem reflexos sobre a sintaxe e a semântica, procurámos intervir o mínimo possível neste aspecto. Apesar disso, não renunciámos à tentativa de estabelecer algum compromisso entre aquilo que os testemunhos revelam ser os hábitos da época e as normas actualmente em vigor. Assim, nos frequentes casos em que os dois pontos desempenham uma função hoje atribuída ao ponto e vírgula, substituímos aquele sinal por este. Por outro lado, suprimimos a vírgula antes das conjunções *e*, *ou*, *nem* e *que*, à excepção dos casos previstos na norma actual e ainda nos momentos em que um critério melódico parece impor esse sinal de pontuação. As outras poucas modificações que nos sentimos obrigados a fazer – tanto de supressão quanto de adição – virão devidamente anotadas nos casos em que têm reflexo sobre o sentido do texto.

### 3. Apresentação do texto crítico e do aparato

As composições de Francisco José de Sales surgirão agrupadas em várias divisões. Na primeira grande secção, virão os poemas de autoria segura, repartidos por três conjuntos menores: 1. Poemas publicados em vida do autor; 2. Poemas publicados postumamente; 3. Poemas inéditos. Nos dois primeiros agrupamentos, a ordenação dos textos será feita de acordo com a data de publicação e a sequência em que se apresentam nos respectivos testemunhos impressos. Os poemas inéditos serão ordenados em conformidade com a sua disposição nos testemunhos manus-

critos. Tivemos contudo o cuidado de separar as composições mais longas dos sonetos. Encerrando a edição, virá o único poema de autoria duvidosa.

A edição de cada composição terá quatro partes:

1. Um número de ordem – contínuo –, que servirá para a identificação do texto nas notas complementares.
2. A relação dos testemunhos que transmitem o poema, apresentada em corpo menor e dividida de acordo com os dois tipos que considerámos: impressos e manuscritos. A sua citação é feita de acordo com o sistema de siglas e de abreviaturas já apresentado. Dado que há quase sempre divergências significativas entre os testemunhos, estes receberão como siglas identificativas letras maiúsculas impressas em itálico. Esta tarefa de atribuição de siglas será feita poema a poema. As versões muito próximas receberão como sigla a mesma letra, que será seguida contudo de um número individualizador, colocado abaixo da linha. Reservaremos sempre o *A* para designar o testemunho que escolhermos como base. A atribuição das restantes letras do alfabeto será feita em função do grau de proximidade dos outros testemunhos perante *A*.
3. Seguir-se-á, em corpo maior, o texto crítico, com os seus três momentos: a epígrafe e a legenda, caso existam, e o poema propriamente dito, com os versos numerados à esquerda de 5 em 5. As emendas que tivermos efectuado virão, sempre que possível, assinaladas já no próprio corpo do poema: para as supressões usaremos as chavetas e para as adições os colchetes. As leituras dubitadas surgirão entre barras oblíquas, precedidas de asterisco.
4. Virá depois, ao fundo da página, separado por uma linha e em corpo menor, o aparato crítico. Tivemos duas preocupações centrais na sua organização: por um lado, fornecer ao leitor todos os elementos em que nos apoiámos, de forma a que ele pudesse julgar o nosso trabalho e, eventualmente, fazer opções diferentes das nossas; por outro, evitar possíveis dificuldades de leitura e assegurar uma percepção literal do texto tão boa quanto possível. O nosso modelo de aparato comporta

quatro partes, vindo cada uma delas separada da seguinte por uma linha de intervalo:

a) O aparato das variantes, que será do tipo negativo, isto é, só anotaremos as lições divergentes. Apresentaremos as variantes de acordo com as mesmas regras utilizadas para a transcrição do texto crítico e só daremos conta das que forem significativas. Este aparato das variantes tem, por assim dizer, dois momentos, correspondentes ao paratexto e ao texto propriamente dito. A chamada do primeiro desses elementos será feita por intermédio das palavras *Epígrafe* e *Legenda*, impressas em itálico e seguidas de um ponto final. A chamada do texto propriamente dito será feita pelo número do verso, também seguido de um ponto final. A identificação do lema far-se-á de forma a não suscitar nenhuma dúvida. O lema será seguido de um meio colchete, vindo imediatamente depois a variante e a sigla que a identifica. Se um lema tiver duas ou mais variantes, estas serão consecutivamente apresentadas, sem que entre elas exista qualquer sinal de pontuação. Entre o lema, a(s) variante(s) e a(s) sigla(s) também não haverá nenhum sinal de pontuação, a menos que a(s) variante(s) em causa diga(m) respeito a um sinal desse tipo. O lema e a(s) variante(s) serão impressos em redondo, ao passo que as siglas identificativas das variantes virão em itálico. Havendo necessidade de anotar variantes para mais do que um lema do mesmo verso, a passagem de um ao outro será assinalada por intermédio de uma vírgula, colocada depois da última sigla da variante do lema anterior. Nos casos em que um testemunho tenha uma versão de um verso ou da legenda muito diferente da apurada, dispensaremos o recurso ao lema e apresentaremos, na linha inferior àquela em que vierem outras versões confrontadas com lemas, todo o verso ou toda a legenda da versão divergente. Eventuais observações da nossa responsabilidade virão em itálico.

b) A justificação das emendas que tivermos efectuado.

c) O glossário e as notas que entendemos necessárias para o esclarecimento de qualquer aspecto do texto. Poderemos também incluir neste espaço alguma observação sobre irregularidades – gramaticais, métricas, acentuais – dos versos.

d) Um breve apontamento sobre a poética do texto.

Concluída a edição dos poemas, haverá um capítulo reservado à anotação complementar de alguns deles.



#### **IV. EDIÇÃO CRÍTICA**





## **A. POEMAS DE AUTORIA SEGURA**



## **1. POEMAS PUBLICADOS EM VIDA DO AUTOR**



## 1. Idílio *Pela amena campina*

Testemunho impresso: *Miscellanea Curiosa*, VI, 1784, p. 337-349 (an.) =  $A_1$  / *Jornal Encyclopedico*,  
Abril de 1789, p. 106-122 (an.) =  $A_3$  / *Januário, Parnazo Brasileiro*, I, 2.º, 1830, p. 17-29 =  $A_4$

Testemunhos manuscritos: BADE, FM, 424, f. 65r-72v =  $A$  / BGUC, 2555, f. 10v-19v =  $A_2$  / BPMP,  
1129, p. 108-121 =  $A_5$  / BNL, 11491, p. 1-31 =  $B$

Versão de  $A$

### Idílio

Te veniente die, te, decidente, canebat.

Virg., *Georg.*, 4

Pela amena campina

Que banha o fatal Hebro,

Do Trace Orfeu a Esposa peregrina,

Que em canto rouco, em triste voz celebros,

---

*Título.* Fábula de Orfeu e Eurídice  $A_1$   $A_4$  Fábula de Orfeu e de Eurídice  $A_2$  Morte de Eurídice e Des-  
graça de Orfeu  $A_3$  A fábula de Orfeu e Eurídice  $A_5$  Orfeu e Eurídice  $B$

*Epígrafe.* te, decidente] te decedente  $A_1$   $A_4$   $A_5$  te decente  $A_2$  decedente  $A_3$

3. Trace] Trácio  $A_1$   $A_2$   $A_4$

4. Que em canto rouco] Em rouco canto  $A_2$ , em triste] e triste  $A_5$

*Epígrafe.* Trata-se do v. 466 do livro IV das *Geórgicas*. Tradução: «Quando o dia nascia e quando morria, ele cantava-te».

2. Hebro – Rio da Trácia.

3. Trace – (adj.) Variante de *trácio*.

5                   Ao tempo que trazia  
O brilhante farol o claro dia;  
A Esposa de Orfeu, digo, e as mais Donzelas  
Tecendo vão Grinaldas e Capelas.

                          Alegre e descuidada  
10                   Eurídice colhia  
As flores, de que tinha a frente ornada,  
De que os loiros cabelos guarnecia;  
                          Cantava suavemente,  
Em doces coros alternadamente,  
15                   Com as lindas Irmãs a solfa rara  
Que o canoro marido lhe ensinara.

                          Por acaso a descobre  
                          De um monte levantado  
O Pastor Eristeu, famoso e nobre,  
20                   Mas de Eurídice há muito desprezado;

---

9. Em  $A_1$  não há nunca separação estrófica; em  $A_3$  o espaço interestrófico também nem sempre existe

11. frente] fronte  $A_5$   $B$

17. Por acaso] Eis que acaso  $B$ , a descobre] descobre  $A_5$

20. há muito] muito  $A_3$  sempre  $B$

19. Eristeu – Variante de *Aristeu*. Filho de Apolo e da ninfa Cirene, foi educado pelas Musas e pelas Ninfas, adquirindo assim uma série de conhecimentos que depois transmitiria aos homens. Perseguido Eurídice, seria o causador involuntário da sua morte. Veio a ser punido pelos deuses, que causaram a destruição de todas as suas abelhas.

E logo mal sofrido  
Deixa o Gado, os Cortiços, e atrevido  
Por entre as verdes ramas se acautela,  
Buscando surpreender a Ninfa bela.

- 25 Mas ela, que aos clamores  
Das Dríades o via,  
Largando pronta as já colhidas flores  
Pela terra espalhadas, lhe fugia;  
Qual a tímida cerva  
30 Que o Massílio Leão vizinho observa,  
Ou qual do Açor ligeiro a Pomba esquiva  
Assustada, medrosa e fugitiva;

- Interrompidas vozes  
Ao vento despedia;  
35 E cada vez com passos mais velozes,  
Olhando para trás, os pés movia.  
Não era, não, bastante

---

23. as verdes ramas] os verdes ramos  $A_5$  as ramas verdes  $B$

25. aos clamores] os clamores  $A_2 A_3 A_5 B$

26. o via] ouvia  $A_2 A_3 A_5 B$

30. o Massílio] o bravo  $A_5$

31. do Açor] de Açor  $A_1 A_2 A_4$

34. despedia] despendia  $A_3$

37. Não era, não,] Nem pôde ser  $B$

30. Massílio – (Adj.) De Massília, localidade da Mauritània.

- Sequer a demorá-la um breve instante  
A fala de Eristeu, que na carreira  
40 Sem dúvida lhe diz desta maneira:
- «Eurídice, não tanto,  
Por ver-me de Amor preso,  
Intentes aumentar o meu quebranto;  
Não te mereço, não, tanto desprezo.  
45 Desejas que assim pene  
O filho da belíssima Cirene?  
Que sofra, que padeça, os teus rigores  
O útil Mestre dos rústicos Pastores?
- «O domador não zelas  
50 Desse Proteu famoso?  
O observador primeiro das Estrelas?  
O artífice do favo saboroso?  
Atormentar procuras  
A quem foi o primeiro que as maduras  
55 Azeitonas pisando, o caro azeite  
Para os homens descobre e inventa o leite?»

---

38. um breve] um só  $A_2 A_3$

43. Intentes] Intentas  $A_4$

44. mereço] merece  $A_5$

47. Que sofra tais rigores  $B$

51. O observador] Observador  $B$

56. e inventa] inventa  $A_5$ , o leite?] o leite.  $A_3$



A Ninfa, que não cura  
De ouvir o rogo brando,  
C'os delicados pés a terra dura,  
60 Fugindo cuidadosa, vai pisando;  
Solto o cabelo ao vento,  
À força do apressado movimento,  
Flutantes os finíssimos vestidos  
Deixava pelos troncos suspendidos.

65 A sítio enfim chegava  
Onde já não temia  
Do atrevido Pastor que a procurava  
O indigno intento, a bárbara ousadia;  
Quando... oh, triste e horrorosa  
70 Tragédia! Contra Eurídice formosa,  
Ofendido talvez da tenra planta,  
Um áspid venenoso se levanta.

---

58. De ouvir] Ouvir *A*<sub>5</sub> Do outro *B*

59. C'os] Com os *A*<sub>2</sub>

60. Fugindo cuidadosa,] Fugindo cuidadosa *A*<sub>1</sub> *A*<sub>4</sub> *A*<sub>5</sub> Fugindo, cuidadosa *A*<sub>2</sub> Apressada fugindo, *B*

62. do apressado] de apressado *A*<sub>5</sub>

63. Flutantes] Flutuando *A*<sub>1</sub> *A*<sub>4</sub> Flutuantes *A*<sub>2</sub> *A*<sub>5</sub> *B*

64. Deixava] Ficavam *B*

65. A sítio] A um sítio *B*

68. O intento temerário, a vã porfia; *B*

70. formosa,] formosa *A*<sub>2</sub> *A*<sub>3</sub> *A*<sub>5</sub> formosa! *A*<sub>4</sub>

E qual seta ligeira  
Com força despedida,  
75 Ou raio que da nuvem derradeira  
Fere a terra ao relâmpago acendida,  
A serpe o colo erguendo  
E o corpo em muitos orbes revolvendo,  
No pé mimoso e branco sutilmente,  
80 Derramando o veneno, imprime o dente.

Sentiu a desditosa  
Da pisada serpente  
A raivosa ferida, a dor furiosa,  
O veneno mortal, que prontamente  
85 As linfas adelgaça  
Da já corruta, sanguinosa massa;  
E o purpúreo licor, que o peito inflama,  
Já negro por cem bocas se derrama.

Já cobre um suor frio

---

77. o colo] a cola  $A_1 A_4$

79. e branco] errando  $A_5$

80. o veneno] veneno  $A_5$

83. a dor] e dor  $A_5$

85. As linfas] As fibras  $B$ , adelgaça] adegaça  $A_5$

86. corruta, sanguinosa] corrupta e sanguinosa  $A_2 A_3$

87. E o purpúreo] O purpúreo  $A_5$

89. um suor] suor  $A_4$

90                   A mal animada frente  
Da convulsiva Ninfa; um véu sombrio  
Esconde a vista vária e intercadente.  
                  Qual pálida bonina,  
A desmaiada Eurídice divina,  
95           Proferindo do Esposo o nome terno,  
Passou da curta vida a um sono eterno.

                  Tanto esta desventura  
                  As Dríades choraram  
Que da Trácia e da Gética Espessura  
100          O fúnebre silêncio perturbaram;  
                  Quantas vezes em vão  
Chamaram pela Irmã? Qual fosse então  
A dor que teve Orfeu mísero e triste  
Dize-a tu, fatal Hebro, tu que a viste.

---

90. A mal animada] A desmaiada  $A_4$  Mal animada a  $B$

92. vária e intercadente] vária, intercadente  $A_1 A_4 A_5$  turva e intercadente  $A_3$  errante e intercadente  $B$   
*Em  $A_2$ , acima de vária, está turba, sem que nenhum dos termos esteja riscado*

94. A desmaiada] A sempre bela  $B$

99. e da Gética] a eregética  $A_5$  e da Gótica  $B$

104. Dize-a] Dize-o  $A_2 A_4 B$ , a viste] o viste  $A_2 A_4 B$

90. Este verso tem 7 sílabas.

99. Gética – (Adj.) De Geta, terra dos Getas, povo trácio que habitava entre os Balcãs e o Danúbio inferior.

105           Aflito e descontente,  
              De noite e mais de dia  
              O solitário Orfeu sempre da gente  
              Se apartava e sozinho aos ermos ia;  
              Buscava os arvoredos,  
110       Os mais duros, inóspitos rochedos,  
              Querendo nos desertos escondida  
              Para sempre deixar a infeliz vida.

              Qual Roixinol que a prole  
              Do ninho vê roubada,  
115       Como que dele espera que o console,  
              Ao Céu invia a queixa magoada;  
              Ou qual fiel pombinho  
              Que não bebe água pura se mesquinho  
              A doce companheira infeliz perde  
120       Nem como dantes pousa em tronco verde.

              Tal o mísero Trace  
              Anda de monte em monte  
              Sem ver a Esposa, bem que perguntasse

---

108. Se apartava e sozinho] Se apartava; sozinho  $A_5$

110. duros, inóspitos] duros e inóspitos  $A_3 B$

112. a infeliz] a feliz  $A_3$

115. Como que] Como quem  $A_5$

120. pousa em] pisa o  $B$

121. o mísero] o Músico  $B$

Por Eurídice ao monte, ao vale, à fonte;  
125           E já desesperado  
De achar no mundo alívio em seu cuidado,  
Amante não duvida ousadamente  
Dentre as sombras errar sombra vivente.

                  A Cítara sonora  
130           Que a Apolo pertencera  
Tomava o triste filho, e a voz canora  
Que sua Mãe Calíope lhe dera  
                  Destramente afinava;  
E atrevido depois se encaminhava  
135       Por cavernosa gruta ao fim do mundo,  
Raia agreste, infernal, do Caos profundo.

                  Chega à escura Lagoa  
                  Onde o Velho Caronte  
Passa os mortos, e ousado à dura Proa

---

126. em seu] ao seu  $A_2 A_4$  a seu  $A_3 B$

128. as sombras] sombras  $A_2$ , errar] vagar  $A_5$

130. Que Apolo pertendera  $A_5$

133. afinava] a afinava  $A_1 A_2 A_3 A_4$

136. agreste, infernal] agreste e infernal  $B$

138. Caronte] Aqueronte  $A_2 A_3$

139. à dura Proa] à dura barca  $A_5$  à rude proa  $B$

137. O Aqueronte, rio dos Infernos.

140 Do Escafídio se lança; leda a frente,  
Da horrenda Estige passa  
As encharcadas águas e devassa  
Das Terras em que a sombra opaca existe  
A torpe habitação, a estância triste.

145 Do rouco Flegetonte  
A margem paludosa  
Atravessa e do fétido Aqueronte  
A salobre corrente vagarosa;  
Intrépido se mete

150 No adormecido e sonolento Lete;  
Do medonho e pestífero Cocito  
Pisando vai o aspérrimo distrito.

Tem depois a ousadia

---

140. se lança; leda a frente,] se lança; leda a frente  $A_4 A_5$  se lança, leda a frente  $A_1 B$  se lança leda a frente.  $A_2$  se lança, leda a frente.  $A_3$

142. encharcadas] carrancudas  $A_5$

143. Terras] tiras  $A_5$

147. e do fétido] do fétido  $A_5$

148. A salobre] Na salobre  $A_5$

151. Do] E do  $A_2 A_3$

152. Pisando] Buscando  $A_5$

140. Escafídio – Pequeno barco.

141. Flegetonte – Um dos rios dos Infernos, que se une ao Cocito para formar o Aqueronte.

De referir cantando

- 155 À sempre inexorável companhia  
O seu duro pesar em verso brando;  
O esqualido Barqueiro,  
Já menos carrancudo e sobranceiro,  
Tomando o grosso remo avante o passa,  
160 Nem o Cão de três bocas o embaraça.

Entrou as Torres fortes

Do pórtico Tenáreo,

Em meio das estúpidas coortes,

Que o foram conduzindo ao Rei Tartáreo;

- 165 Caliginoso e escuro  
Era o caminho que do férreo muro  
Aos Palácios cruéis que Dite havia

---

156. pesar] passar  $A_5$

158. carrancudo e sobranceiro] carrancudo, sobranceiro  $B$

159. grosso] duro  $B$ , o passa] passa  $A_2 B$

160. de três] das três  $A_2 A_3$

162. Tenáreo] Tartáreo  $A_2$

163. Em meio] Em mão  $A_2$  No meio  $A_3$  E em meio  $A_5$  E no meio  $B$

164. Que o foram] Que foram  $A_5$

160. Cérbero, um dos monstros que guardam o reino dos Mortos.

162. Tenáreo – (Adj.) Relativo ao Ténaro, promontório e cidade da Lacónia, tido como uma das entradas dos Infernos.

167. Dite – Plutão.

As misérrimas almas conduzia.

No gesto pensativo  
170 Orfeu com passos graves  
Chegou-se ao fero Rei que ocupa altivo  
Sulfúreo Trono e as ferrugentas chaves  
Nas duras mãos sustenta;  
A seu lado a triforme Hécate assenta  
175 O implacável tirano; e de vapores  
Negra nuvem lhe forma os resplendores.

Do Báratro malino  
As almas dolorosas  
À roda estão do vivo perigrino  
180 Que vem do mundo; e todas cobiçosas  
De saber o que busca  
Naquela atroz Região nublada e fusca  
Este Músico estranho, que se assenta

---

168. misérrimas] miseráveis  $A_1 A_2 A_4$

171. Chegou-se] Chegou  $A_5$

174. A seu] Ao seu  $A_1 A_4$ , a triforme] triforme  $A_1 A_2 A_3 A_4$

178. dolorosas] decorosas  $A_1 A_2 A_4 A_5$

183. assenta] assenta;  $A_2$  assente  $A_5$

174. Hécate – Deusa ligada ao mundo das sombras, por vezes confundida com Prosérpina. Era geralmente representada com três corpos ou com três cabeças.



Como à soberba Corte se apresenta.

- 185           As cordas temperando  
              Da Lira sonora,  
Foi logo num tom baixo começando  
A História miserável e piedosa;  
              E pouco e pouco erguendo
- 190    A voz, que mais se aclara, ao Rei tremendo,  
      Que o Ceptro tem na mão pisado e forte,  
      Cantando Orfeu lhe fala desta sorte:
- «Monarca formidável,  
              Jove, e Senhor eterno
- 195    Do Abismo tenebroso e impenetrável,  
      Do pálido Orco e do profundo Averno;  
              A cujo império enorme  
      Obedece a caterva mais disforme  
      De monstros e Serpentes estupendas,
- 200    Que sujeitas possante às Leis horrendas;

---

184. Como à] Com a  $A_1 A_2 A_3 A_4$  Como a  $A_5$ , Corte] coorte  $A_1 A_2 A_4$  coorte;  $A_3$ , se apresenta] se apresenta  $A_5$

186. Da Lira] Na Lira  $A_5$

189. pouco e pouco] pouco a pouco  $A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 B$

190. aclara] aclama  $A_2$

191. tem na mão] na mão tem,  $B$ , pisado] pesado  $A_1 A_3 A_4 A_5 B$  piedoso  $A_2$

195. tenebroso e impenetrável,] tenebroso,  $A_2$  tenebroso e implacável  $A_3$

200. possante] /\*porém/  $A_5$ , horrendas] tremendas  $B$

«Neste cárcere escuro,  
Habitação do espanto,  
Não me conduz desejo humano impuro,  
Mas sim razão de amor honesto e santo;  
205 Não trago o pensamento  
De tanger este harmónico instrumento  
De sorte que após vão da suavidade  
Desertando o País da Escuridade.

«Da minha suspirada  
210 Belíssima Consorte  
A vida mais que a minha desejada  
Roubou tirana intempestiva morte;  
De férvida Serpente  
A presa aguda, o venenoso Dente,  
215 Seus dias encurtou; e é bem constante  
Que a teu Reino deceu a Sombra errante.

---

201. Neste] A este  $A_2 A_3$

203. humano impuro] humano e impuro  $B$

207. após vão] atrás vão  $A_5$  após vá  $B$

208. o País] os pais  $A_5$

211. A vida] Ainda  $A_5$ , que a minha] que minha  $A_5$

212. tirana intempestiva] tirana, intempestiva  $A_1 A_2$  tirana e intempestiva  $A_3$

213. De férvida] Da férvida  $A_2 A_3$

214. A presa aguda] A aguda presa  $B$ , o venenoso] e venenoso  $A_1 A_4$

215. encurtou; e é] encurtou, que é  $A_1$  encurtou; é  $A_2$  encurtou; que é  $A_4$  esgotou, e é  $A_5$

216. Que a teu] Que ao teu  $B$

«Da temida Cidade,  
Vós, ó gente perdida,  
Ao vosso Rei pedi que por Piedade  
220 Me seja a cara Esposa concedida;  
Não quero que ela exceda  
A antiga humana Lei; que lhe conceda  
Algum tempo de vida a Plutão rogo,  
Em que andemos no mundo e torne logo.

225 «E tu, Senhor, que um dia  
Também de amor ardeste,  
Lastima-te da mísera agonia  
De que meu triste Peito se reveste;  
Porém, se como digo  
230 Não deixas ir Eurídice comigo,  
Já peço pouco: ao menos me consente  
Que eu viva aqui com ela eternamente».

Enquanto assim cantava  
O doce Orfeu, mais brando

---

219. Ao vosso] A vosso *A*<sub>5</sub>

223. Plutão] Platão *A*<sub>1</sub>

227. Lastima-te] Lastimas-te *A*<sub>5</sub>

231. Já peço pouco:] (Já pouco peço) *B*

232. Que eu viva] Que viva *B*

235 O terno das Euménides estava  
As enroscadas Serpes aquietando;  
Das Hidras e Quimeras,  
Esfinges e Gorgões as vozes feras  
Calaram por um pouco e o Cão triforme,  
240 Fechando as três gargantas, ouve e dorme.

Livres alguns momentos  
As almas condenadas  
Estão dos crudelíssimos tormentos  
Com que são de ordinário atormentadas;  
245 Um pouco se não move  
Das Bélides Irmãs quarenta e nove

---

237. Hidras e] Hidras, a  $A_3$  As Hidras e  $A_4$

238. Esfinges] Das Esfinges  $A_4$ , e Gorgões as vozes] e Gorgones as vozes  $A_1$  Gorgonesas vozes  $A_2$  e Gorgones as  $A_4$  e Gorgóris as vozes  $A_5$

239. Calaram por um pouco] Vozes fizeram pausa  $A_4$

243. crudelíssimos] cruelíssimos  $A_1 A_3 A_4 B$

235. Euménides – Divindades infernais responsáveis pela punição dos crimes.

238. Gorgões – As três Górgonas (Esteno, Euríale e Medusa), monstros que habitavam perto do reino dos mortos.

246. Bélides Irmãs – As Danaides, as cinquenta filhas do rei Dánao. Apesar da desavença entre Dánao e o seu irmão Egipto, as suas filhas casaram com os cinquenta filhos do segundo. No entanto, por recomendação do pai, quarenta e nove das Danaides mataram os respectivos maridos durante a noite de núpcias. A exceção foi Hipermnestra, que poupou Linceu. Uma vez nos Infernos, as homicidas receberam como castigo tentar encher eternamente com água um tonel furado.

A desgraçada Tropa à vã Fadiga  
Que dos mortos maridos as castiga.

De Íxion fementido  
250 A nunca estável roda,  
Que anda sempre num giro interrompido,  
Então por breve espaço se acomoda;  
Sísifo está sentado  
No Penedo que às costas tem pesado;  
255 E em virtude do Canto numeroso  
Logra, se nunca o teve, algum repouso.

O Pássaro faminto

- 
247. Tropa à vã] tropa, que a vã  $A_3$  tropa, e a vã  $A_4$  tropa, e vã  $A_5$   
248. as castiga] a castiga  $A_1 A_2 A_4$   
250. estável] instável  $A_4$   
253. sentado] assentado  $B$   
255. numeroso] sonoro  $A_2 A_3$   
256. nunca] não  $B$

249. Íxion – Rei dos Lápitas, casou com Dia, filha do rei Dioneu. Depois do casamento, não cumpriu as promessas que fizera ao sogro, acabando por matá-lo. Zeus compadeceu-se dele, purificando-o. Mas o tessálio traiçoo-o, enamorando-se de Hera e tentando violentá-la. Zeus amarrou-o então para sempre a uma roda em chamas que girava sem cessar.

253. Sísifo – Trata-se de um mortal que se destacou pela sua astúcia. Quando Zeus raptou Egina, filha de Asopo, Sísifo viu-o, denunciando-o ao pai em troca de um favor. Furioso, Zeus fulminou-o de imediato, precipitando-o nos Infernos, onde lhe impôs como castigo que fizesse rolar eternamente um enorme rochedo por uma vertente. Logo que a pedra atingia o cimo, voltava a cair e o trabalho tinha de recomeçar.

Que a Tício o ventre rói  
O bico levantou de sangue tinto  
260 E à doce voz se abranda e se condói;  
Já Tântalo sedento  
Não põe n'água vedada o pensamento;  
Já por um pouco lhe não lembra a fome  
Os fugitivos Pomos que não come.

265 Radamanto severo  
E os outros dois Juízes  
Que têm na prisão triste o cargo fero

---

264. Os fugitivos] Dos fugitivos  $A_4$

266. E os outros] E outros  $A_5$

258. Tício – Gigante filho de Zeus e de Elara. Instigado por Hera, tentou violar Leto, sendo fulminado por um raio de Zeus ou atingido pelas flechas de Apolo e Ártemis, filhos de Leto. O seu corpo ocupava uma grande extensão dos Infernos, estando sujeito a um castigo semelhante ao de Prometeu: duas águias (ou serpentes) devoravam-lhe o fígado, que voltava a nascer de acordo com as fases da Lua.

261. Tântalo – Filho de Zeus e de Pluto, reinava na Frígia ou na Lídia. Convidado pelos deuses para a sua mesa, teria revelado aos homens os segredos divinos. Outra tradição refere que Tântalo roubou néctar e ambrósia e que os deu aos mortais. Veio a ser castigado a uma sede e fome eternas: apesar de mergulhado em água até ao pescoço, não podia beber, porque o líquido fugia sempre que aproximava a boca; embora um ramo carregado de frutos pendesse sobre ele, qualquer tentativa de o alcançar era em vão.

265. Radamanto (ou Radamante) – Herói Cretense, filho de Zeus e de Europa. Apreciado pela sua prudência e sabedoria, foi, após a morte, chamado aos Infernos para julgar os mortos, ao lado do irmão Minos e de um outro filho de Zeus, Éaco.

De prescrever a Pena aos Infelizes,  
Esquecidos do antigo  
270 Rigor que os obstinava no castigo,  
Suspendem a contínua deligência  
De dar aos condenados Audiência.

A quebrantar a dura  
Sentença e Lei do Fado,  
275 Que foi sempre imutável, se aventura  
Qualquer das Parcas cruas; já mudado  
Da mesma Proserpina  
O duro Peito, a modo que se enclina  
A despir o seu Génio rigoroso

---

268. a Pena] as penas  $A_5$ , Infelizes] Infelices  $A A_2 A_3$

269. Esquecidos] Esquecido  $B$

270. que os obstinava] com que se obstina  $B$

271. a contínua deligência] a continuar a deligência  $A_5$  a pesada deligência  $B$

273. A quebrantar] De quebrantar-se  $B$

274. Sentença] Senta  $B$

275. imutável] inalterável  $A_2 A_3$  inevitável  $A_5$ , se aventura] se murmura  $B$

276. Qualquer das Parcas cruas] Qualquer das cruas Parcas  $A_4$  Entre as Parcas iníquas  $B$

278. O duro Peito, a modo que] O duro peito amado, que  $A_1$  O duro férreo peito, já  $A_4$

279. A despir] A dispor  $A_1 A_2$  A depor  $A_4$  A despedir  $A_5$  Depondo  $B$ , o seu Génio] seu génio  $A_5$  o seu costume  $B$

268. Embora seja aceitável uma rima *Juízes / Infelices*, a verdade é que não há outros casos semelhantes ao longo do poema, pelo que decidimos acolher a lição de  $A_1 A_4 A_5 B$ .

280 E à súplica atender do amante Esposo.

Plutão desapiedado,

A quem humana queixa

Jamais interneceu, desacordado

Em terra as duras chaves cair deixa;

285 As lágrimas forçadas

Sem exemplo esta vez como arrancadas

Se lhe viram correr; e diz que passe

Ao mundo a Esposa do canoro Trace;

Contanto que lhe seja

290 O vê-la defendido

Enquanto inteiramente não esteja

De fora do seu Reino; e que perdido

Seria ao mesmo instante

O prémio concedido, se o semblante

295 De Eurídice formosa incauto visse

Primeiro que do mundo ao ar saísse.

Aceita Orfeu contente

---

280. A ouvir os rasgos do afligido Esposo. *B*

282. humana] a humana *B*

284. as duras] as duas *B*

286. Sem exemplo] E, sem exemplo, *A*<sub>2</sub>

287. Se lhe] Lhe *A*<sub>5</sub>

289. Contanto] Ordena *B*



- A Esposa desejada,  
Que pela mão guiava deligente  
300 Além da melencólica morada;  
Passa as terras desertas,  
De Loto e de Ciprestes só cobertas;  
Os campos deixa bem-aventurados,  
De Espíritos ditosos habitados.
- 305 Já quase Aura vivente  
Feliz respira{va}, quando  
Mais demora a Saudade não consente,  
E para a Esposa o rosto atrás voltando,  
Eurídice não via  
310 E perde-a para sempre à luz do Dia;  
Culpa digna de escusa e de piedade  
A havê-la na Região da Iniquidade.

---

300. Além] Passa além  $A_5$

302. De Loto] De luto  $A_1 A_2 A_3 A_4$

305. Aura] a aura  $A_4$

306. respira{va}] respirava  $A A_5$

307. Porque demoras mal o Amor consente  $B$

308. E para a Esposa o rosto atrás] O rosto para a Esposa atrás  $B$ , voltando] virando  $A_2 A_3$

310. E perde-a] E perdeu  $A_1 A_2 A_3$  Que perdeu  $A_4$ , à luz] a luz  $A_1 A_2 A_3 A_4$

312. A havê-la] A vê-la  $A_1$

306. A métrica e o contexto mostram que a forma verbal deve estar no presente, pelo que decidimos acolher a lição de  $A_1 A_2 A_3 A_4 B$ .

Do mais profundo centro  
Do Reino tenebroso  
315 Três vezes se ouviu fora e três lá dentro  
Um Trovão formidável e espantoso;  
Deixou o som horrendo  
As Tartáreas abóbedas tremendo;  
E foi da voz do Fado inalterada  
320 Segunda vez Eurídice chamada.

Os braços deligente  
Orfeu com ânsia viva  
Já duma e doutra parte inutilmente  
Estende após da sombra fugitiva;  
325 Quanto debalde abraça  
O vento leve que de intorno passa!

---

Post 312. *Em B há uma estrofe que não consta das outras versões: Qual infeliz que o fogo/ De Jove irado levemente abraça,/ Que perde o tino logo/ E julga sonho o que por ele passa;/ Orfeu, sem ver aonde/ O seu único Sol se esconde,/ À roda os braços mil vezes estende,/ Mas ar e sombras outras tantas prende.*

315. se ouviu fora] se ouviu  $A_5$ , lá] cá  $A_1 A_2 A_5$

317. o som] ao som  $A_1 A_2 A_4$

321.-328. *Falta esta estrofe em B*

322. com ânsia viva] em vão movia  $A_1 A_2 A_4$

323. e doutra] e outra  $A_2 A_3$ , inutilmente] e inutilmente  $A_4$

324. Estende] Os lança  $A_4$ , fugitiva] que fugia  $A_1 A_2 A_4$  e fugitiva  $A_3$

325. Quanto] Quando  $A_1 A_2 A_4$

Mil vezes tenta o mesmo desvario  
E nunca prende mais que o ar vazio.

330                    Enfim não se apartava  
                      Da Gruta nem podia,  
                      Crendo sonho e ilusão quanto passava  
                      E que de novo a Esposa tornaria;  
                      Porém desenganado  
                      Que Eurídice não vinha, louco e irado  
335                    A Lira quis romper e por desdoiro  
                      Da Testa ao Cão arroja o verde loiro.

                      Sete meses inteiros  
                      O triste e miserável  
                      Foi visto pelos ásperos oiteiros  
340                    Do horrível Hemo e Ródope intratável;  
                      Os rústicos Penedos

---

329. Enfim] Orfeu *B*

336. Cão] Chão *A<sub>1</sub> A<sub>2</sub> A<sub>3</sub> A<sub>4</sub> B*, arroja] arraia *A<sub>5</sub>*

338. triste] pobre *B*, e miserável] miserável *A<sub>1</sub> A<sub>2</sub> A<sub>4</sub> B*

340. Ródope] Ródo *A<sub>5</sub>*

341. Os rústicos] Os rústico *A<sub>5</sub>*

340. Hemo e Ródope – Montanhas da Trácia. Hemo era um dos filhos de Bóreas e de Orítia. Casou com Ródope, filha do deus-rio Estrímon, e com ela reinou na Trácia. Tiveram contudo a ousadia de fazer com que lhes fosse prestado culto, pelo que, em castigo do sacrilégio, foram transformados em montanhas.

Corria do Rífeu e os arvoredos  
De que se cobre o curso dilatado  
Do Tânaís frio, do Strímon gelado.

- 345           Eurídice chamava  
              Em vão continuamente;  
Eco somente Eurídice tornava  
Ao triste, doloroso e descontente.  
              A lastimosa História,  
350    A Tragédia infeliz, que na Memória  
              Trazia dos seus míseros Amores,  
              Docemente cantava aos seus Pastores.  
              Dizem que então os montes  
              Após do suave canto  
355    Mudáveis caminhavam e que as Fontes  
              As águas suspendiam; tanto, tanto  
              Podia a branda Lira

---

343. De que se cobre o curso] De que o curso  $A_1$  De que se arreja  $A_4$

344. do Strímon] do Hémon  $A_3$  e Strímon  $A_4$  do Térmon  $A_5$

345. chamava] clamava  $B$

347. Eco] O eco  $A_2 A_3$

351. dos seus] de seus  $A_1 A_3 A_4$

342. Rifeu – Monte da Cítia.

344. Tânaís – O Don, rio que separa a Europa da Ásia.

Strímon (ou Estrimão) – Rio da Trácia.

Que {a}inda a Fera que só terror inspira  
Pacífica se torna; e das montanhas  
360 Arrancando-as, fundou Nações estranhas.

Triste, não só fugia  
De todas as mulheres  
Que o buscavam, mas inda as ofendia  
Desprezando os seus dons e os seus prazeres;  
365 Demais lhes arrancava  
Os queridos Esposos e os levava  
Suspensos e em total esquecimento;  
Tanto podia o Déléfico instrumento!

Passava neste estado  
370 A vida lacrimosa,  
Até que foi de súbito assaltado  
Da família de Baco rigorosa;  
Convulsas, delirantes,  
As dementes e indómitas Bacantes,

---

358. {a}inda] ainda  $A A_1 A_2 A_3 A_4 A_5 B$ , só terror inspira] só terror suspira  $A_4$  terror inspira  $B$

363. inda] ainda  $A_1 A_2 A_3 A_5$

364. dons e os] dons, os  $A_2 A_3 B$

367. em total] com total  $A_1 A_2 A_5$

374. dementes e indómitas] dementes, indómitas  $A_2 A_3$

358. A métrica impõe esta aférese.

375 Sem que a Lira as movesse, o acometeram  
E crua morte e mísera lhe deram.

No corpo destroçado  
A sacrílega Tropa,  
Bebendo o sangue já desanimado,  
380 As ímpias e homecidas mãos insopa;  
A cítara, que dantes  
As árvores trazia mais distantes,  
Fizeram em pedaços e à corrente  
Lançam do Hebro e o cadáver juntamente.

385 Separada a cabeça  
Do busto miserando,  
Pelo rio, que atónito se apressa,  
Ao mar com vários curso vai rodando;  
Da alma fugitiva  
390 Saindo pela boca semiviva,  
A derradeira voz que se lhe ouvia  
Inda *Eurídice*, *Eurídice*, dizia.

---

376. crua] dura *B*, e mísera] mísera *B*

384. e o cadáver] o cadáver *A<sub>1</sub> A<sub>2</sub> A<sub>3</sub>* e cadáver *A<sub>5</sub>*

387. se apressa,] se apressa *A<sub>1</sub> A<sub>4</sub>*

388. Ao mar] Ao mar, *A<sub>1</sub> A<sub>4</sub> B*

389. Da] E da *B*

O idílio é constituído por oitavas em que o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo (vv. 1, 2 e 5). O esquema rimático é do tipo ABABCCDD.

2. Ode *Como torna outra vez à nossa idade*

Testemunho impresso: Folheto

Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor João de Almada e Melo. Do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, Tenente-general dos seus Exércitos, com o Governo das Armas do Porto e seu Partido. Governador das Justiças, Presidente da Marinha e da Câmara da mesma Cidade, &c. &c. &c.

Ode

Como torna outra vez à nossa idade  
O tempo de Saturno!  
Quem, para a revestir de claridade,  
Levanta o véu nocturno  
5 Que as terras assombrava! A quem devemos  
O júbilo que vemos  
Por elas espargido! Só logrado  
No século doirado!

---

*Legenda.* Natural de Monção, João de Almada e Melo (?-1786) começaria por se destacar na carreira militar: foi Coronel do regimento de Infantaria da guarnição do Porto, Tenente-general dos reais exércitos e, entre 1757 e a data da sua morte, Governador das Armas do Porto e seu Partido. Em 1763, criou a Junta das Obras Públicas, iniciando um conjunto de importantes transformações urbanas, que viriam a ser continuadas pelo seu filho, Francisco de Almada e Mendonça. No ano seguinte, seria nomeado Governador das Justiças e Relação da Casa do Porto. Exerceu ainda outros cargos importantes, como o de membro do Conselho real, e obteve distinções como a de Comendador da Ordem de Cristo.

Escuso repetir de ALMADA, escuso,  
10           Tão íncrito Apelido  
(Na ilustre fundação do Pátrio Luso  
              Heróico e conhecido),  
Que as trevas do seu pálido Horizonte  
              Dissipa como a Fonte  
15       Celeste e ardente donde as luzes belas  
              Recebem as Estrelas.

A Estação dos Invernos desabrida  
              Com pé ligeiro foge;  
E em Primavera plácida e florida  
20           Os anos férteis hoje  
Se logram convertidos, transformando  
              Astro benigno e brando  
A nunca estável roda da Fortuna  
              Em sólida coluna.

25       Nas Províncias as Armas em descudo  
              Ressuscitam de novo;  
Já contente se aplica ao Márcio estudo  
              O regulado povo;  
Já nos ombros Neptuno a estranhas Ilhas  
30           Conduz as nossas Quilhas;  
Já crescem para nós, para os vindoiros,

---

25. descudo – Variante de *descuido*.



Os viçosos loiros.

Quem não vê que se pule e vai lavrando

O trono de Minerva?

35 Os artífices doutos animando

O braço que os conserva?

As Artes, pouco dantes ignoradas,

Venceram restauradas,

Co'a protecção do válido Mecenas,

40 As da famosa Atenas.

O equilíbrio tombado ou mal sustido

Na balança de Astreia

Se apruma e se restaura; o retorcido

Tesoiro de Amalteia,

45 Que de flores e de frutos mil se adorna,

Com profusão se entorna

---

32. Este verso tem 5 sílabas.

42. Astreia – Filha de Zeus e de Témis, representava a Justiça. Viveu entre os homens na Idade de Ouro, refugiou-se nos montes na Idade de Prata e fugiu para o firmamento na Idade de Bronze, transformando-se na constelação de Virgem.

44. Tesoiro de Amalteia – Amalteia foi a ama que alimentou Zeus e o criou em segredo, subtraindo-o assim às buscas de Crono, que o queria devorar. Zeus viria a oferecer-lhe aquele que ficaria conhecido como Corno de Amalteia ou da Abundância, caracterizado pela miraculosa particularidade de se encher do que a sua dona desejasse.

Pelas campinas áridas e adustas,  
Já pingues e robustas.

As pampinosas vides enroscadas  
50 Nas grossas carvalheiras;  
As maduras espigas alastradas  
Nas empedradas eiras,  
Mostrando-nos estão a Agricultura,  
Que próvida procura  
55 Desarraigar a ideia que algum dia  
Inútil a fingia.

À sombra da palmeira altiva e nobre  
A Paz serena e pura  
Sobre um leito de plumas se descobre  
60 Com branca vestidura;  
O Espírito feroz, que acende a guerra  
Na surface da terra,  
Mordendo a língua, em triste parocismo  
Se despenhou no Abismo.

65 Não tanto o irado mar na costa brava,  
Que dele se está rindo,  
Ou na rocha tenaz, que cerca e lava,  
Quebrando, vai bramindo;

---

62. surface – Galicismo; superfície.

70            Como a raivosa Inveja desgrenhada,  
              A vista ensanguentada,  
Muito longe de nós em prisão bronca  
              Encarcerada ronca.

              Os Álamos em ordem já crecidos  
              Dura seguir não temem;  
75            C'os pesos enormíssimos erguidos  
              No alto, as roldanas gemem;  
As Ruas vejo abrir, rasgar os montes,  
              Em borbotões as fontes  
Desentranhar do centro e em quantidade  
80            Popular a Cidade.

              Alegre o Doiro rápido levanta  
              A limosa cabeça;  
Assombra-se de ver grandeza tanta  
              E esconde-se depressa;  
85            Corre às grutas salobres do Oceano  
              E estranhamente ufano  
Ali conta os prodígios exteriores  
              Aos mudos nadadores.

---

77. montes,] montes

78. fontes] fontes,

Já nos verdes Tritões e nos Golfinhos  
90 Dóris e as brancas Filhas  
Cortando vêm os tímidos caminhos,  
A ver as maravilhas  
De clima diferente; os moradores  
Dos húmidos redores  
95 Desertam prontos, por moradas novas,  
As salitradas covas.

Das terras mais remotas, mais distantes,  
Buscando o suave abrigo,  
Concorrem numerosos habitantes...  
100 Mas onde estou? Que digo?  
Esse monstro de bocas e olhos cento  
Publique este portento,  
De que o Minho se jacta, o Lima e o Doiro,  
Digno da idade de Ouro!

105 A Fama em seu coturno levantado  
Só justamente exprime  
E pode achar louvor proporcionado  
A Objecto tão sublime;  
Longe, longe a vaidade; ninguém deve  
110 Ou pode em concha breve

---

90. Dóris – Era filha do Oceano, mulher de Nereu e mãe das Nereides.

101. A Fama, que tinha um grande número de olhos e de bocas.

As ondas recolher; quem dele cante  
Mais alto se levante.

Os edifícios públicos, a glória  
Dos novos fundamentos,  
115 Lhe servirão no Templo da Memória  
De eternos monumentos;  
Não menos que nos mármore preclaros  
Seu nome e feitos raros  
Veremos entre nós e outros destritos  
120 Durável nos Escritos.

---

A ode é formada por oitavas, em que o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo. O esquema rimático é do tipo ABABCCDD.

### 3. Poema *O militar esforço*

Testemunho impresso: Licença, p. 3-11

#### Licença

O militar esforço,  
A intrépida constância, o firme peito  
Do grande Capitão da antiga Roma,<sup>1</sup>  
Que variável cena  
5 Acaba de exaltar aos nossos olhos,  
Como virtudes raras  
Que d'Átila cruel a fúria humilham  
E prendem da Fortuna a instável roda

---

<sup>1</sup> Ézio, Capitão Romano, vencedor de Átila, Rei dos Hunos.

---

*Licença.* Este poema e os quatro sonetos seguintes foram recitados a 21 de Setembro de 1788, data do aniversário natalício de D. Tomás José de Melo, Governador de Pernambuco entre 1787 e 1798, no final da representação de um drama de Metastasio, *Ézio em Roma*.

As 35 notas numeradas são da responsabilidade do autor. Embora no original aparecessem no final do poema, decidimos colocá-las abaixo do texto e acima do nosso aparato, num corpo intermédio, de forma a tornar a leitura mais cómoda. Havia no original várias gralhas relativas à representação das notas, que não hesitámos em corrigir: no rodapé final, as nota 13 e 35 apresentavam os números 14 e 45; no corpo do poema, faltava a indicação da nota 32 no final do verso 101, e o número de todas as seguintes tinha portanto uma unidade a menos.

(Por muito que as celebre o pátrio Cisne),<sup>II</sup>  
10 Benéfico TOMÁS, Augusto Melo,  
Nunca serão mais que uma imperfeita  
Imitação de quanto a Vós respeita.

Testemunha me seja o Tejo e o Ganges;  
O Mundo velho e novo;  
15 Os Índicos palmares;  
Os mares do Oceano e da Ásia os mares;<sup>III</sup>  
Os Africanos muros,  
De pânico terror e susto frios;<sup>IV</sup>  
De Valeta o penhasco; áspera escola  
20 De Príncipes guerreiros; férreo jugo  
Do circunciso Mouro,  
Que ousado em nosso dano  
Infesta o Estreito e o Mar Mediterrâneo.<sup>V</sup>

---

<sup>II</sup> O Abade Pedro Metastásio, Poeta Romano, que alta e docemente cantou as acções da sua Pátria.

<sup>III</sup> Lugares por onde militou Sua Excelência, empregado no serviço da Tropa e da Marinha Portuguesa, onde é Coronel do Mar da Armada Real.

<sup>IV</sup> Ataque de Argel, onde se achou Sua Excelência no ano de 1784, comandando a Fragata chamada Delfim, de quarenta peças; e ao fazer-se à vela, partindo-se a verga da Gávea, decaiu a Fragata e aterrou-se, de modo que passou perto de Cabo Cassine e de terra a saudaram com alguns tiros de artilharia.

<sup>V</sup> Malta, residência actual da Religião onde Sua Excelência fez as Caravanas nas Galeras que saem a expurgar as Costas e os Mares do inimigo comum da Lei Católica Romana.

Quão diverso Heroísmo!

- 25 E quanto mais à humanidade grato!  
Em nossos corações vos ergue um Templo!  
A Brandura, a Prudência, Irmãs divinas  
Do singular talento  
Com que regeis o Território vasto  
30 Deste fértil País que a Vós confia  
A mais Alta Rainha do Universo;<sup>VI</sup>  
O zelo infatigável  
Do Bem comum, da utilidade pública,<sup>VII</sup>  
A pressa, a actividade  
35 Em reprimir solícito, oportuno,  
As iras de Vulcano e de Neptuno.<sup>VIII</sup>

O cofre da abundância aberto, a tempo  
Que a descarnada Fome andava em roda

---

<sup>VI</sup> Singulares virtudes que acompanham o Governo de Sua Excelência e que o farão eternamente memorável.

<sup>VII</sup> O zelo do Bem comum e de tudo quanto pode ser útil aos Povos deste País é tão excessivo em Sua Excelência que um só instante não perde de vista este grande objecto.

<sup>VIII</sup> É incomparável a actividade com que Sua Excelência tem socorrido em casos urgentes as embarcações surtas neste Porto; e com que acode pessoalmente aos fogos que tem havido, acontecendo no último fazer uso de uma Bomba que pedira e que só tinha dez horas de terra, quando conseguiu com ela salvar as propriedades contíguas à casa incendiada.



Ameaçando a consternada terra,<sup>IX</sup>  
40 Graças às providentes  
E vigilantes Ordens  
Que afogaram no berço o Monopólio,  
Que alimentavam vários  
Dos géneros à vida necessários!<sup>X</sup>

45 Uma total reforma  
Nos alistados respeitáveis Corpos,  
Que são o nervo, a defesa do Estado;<sup>XI</sup>  
Os Postos, as Patentes,  
A todos sem mistério conferidas;<sup>XII</sup>

---

<sup>IX</sup> Tomou Sua Excelência posse do Governo em ocasião que se experimentava a maior penúria de carnes e farinhas; e acudiu a esta falta com tão providentes Ordens que há já muitos meses que se logra a abundância de ambos os géneros.

<sup>X</sup> Repetidos Editais, com que Sua Excelência debaixo de gravíssimas penas proibiu a travessia dos géneros da primeira necessidade, cujas sórdidas e iníquas negociações estavam praticando alguns indivíduos descaradamente.

<sup>XI</sup> A mostra geral, onde passaram em revista os Terços Auxiliares, formados uniformemente, completos de todos os Officiais e Soldados, com boas músicas e muito luzimento, para o que concorreram os seus briosos Chefes regulados à maneira de Tropa paga; no que lhe pode ser applicável o Regulamento, tendo seus Livros Mestres para notarem as licenças, altas, baixas, &c.

<sup>XII</sup> As graças e mercês conferidas por mão da Justiça, sem atenção a outros padrinhos que não sejam o próprio merecimento e a equidade.

- 50 A disciplina em rígida observância;<sup>XIII</sup>  
O regular serviço;<sup>XIV</sup>  
O pão dado ao Soldado,  
Que não prudente máxima a dinheiro  
Havia comutado, sem bastar-lhe<sup>XV</sup>
- 55 A sábia economia, introduzida  
Até nos próprios Chefes, contra o luxo  
Do fardamento incómodo e pesado,  
Que em dourados teçumes abrevia  
O moderado soldo.<sup>XVI</sup> Estranho abuso!
- 60 Fazer-se de tão pouco tão mau uso.

O mágico artifício,  
Com que tudo se anima e se transforma

---

<sup>XIII</sup> A exacção na observância do Regulamento e das Ordens, sem dispensar ainda nos pontos mais ligeiros da subordinação.

<sup>XIV</sup> O serviço diário da Praça feito com toda a regularidade, sucedendo algumas vezes correr Sua Excelência de noite as guardas para observar o estado delas e as conter nos limites da sua obrigação.

<sup>XV</sup> A santa Providência de municiar a Tropa, a quem se davam 120 reis para uma quarta de farinha, ainda no tempo de custar o alqueire a três mil reis e mais; origem esta de infinitos abusos e uma das causas da carestia deste género.

<sup>XVI</sup> A louvável reforma do fardamento em ambos os Regimentos pagos, agora mais ligeiro e breve, sem os muitos galões que o faziam insuportável e para que não bastavam os soldos dos Officiais, sendo os Chefes os primeiros em praticar esta economia.

---

58. teçume – Tecido.

- E cobra um novo impulso à vossa vista;<sup>XVII</sup>  
A suma prontidão com que aparecem  
65 Calçadas de uma e doutra parte as Ruas;  
Abatidos os Saltos e os Tropeços;<sup>XVIII</sup>  
Resguardados do Inverno os lenhos curvos,  
Que ao futuro hão-de ser boiantes torres;<sup>XIX</sup>  
Armazém destinado ao Pau vermelho,  
70 Ao Trem rudo, ao marítimo calabre;<sup>XX</sup>  
Ferraria espaçosa, onde se ocupe  
A mocidade e a fabricar aprenda  
Os raios de que Jove a mão tremenda  
Armou contra os Gigantes.<sup>XXI</sup>  
75 Aula de Matemáticas, que ensine

---

<sup>XVII</sup> Parecem na realidade efeitos de alguma mágica as muitas obras que se têm feito em menos de um ano e que se continuam com tanto ardor que desconhece o País quem vem de fora e tinha dele antigo conhecimento.

<sup>XVIII</sup> Calçadas as Ruas do Recife debaixo de um mesmo plano e ladrilhadas as do Bairro de Santo António, tirados todos os degraus e poiais que cada um abusivamente deixava à sua porta.

<sup>XIX</sup> Grande Telheiro de 455 palmos de comprido e 60 de largo entre o Forte Bom Jesus e os chamados Quartéis da Junta, onde se recolhem do tempo as madeiras de construção.

<sup>XX</sup> A boa arrumação e forma dada aos Armazéns que havia, de sorte que se acha empilhada grande cópia de pau Brasil, safo o Trem e bem acondicionadas as amarras, viradores e mais sobrexcelentes que com muitas âncoras vieram há pouco e se guardam para socorro dos Navios.

<sup>XXI</sup> Um Armazém acrescentado e disposto para servir de Ferraria onde se alimpem e consertem os armamentos; e se recolham alguns rapazes para aprenderem os ofícios.

Aos Alunos de Marte as leis e as regras  
De cobrir o País de enormes massas,  
De calcular a elevação da Bomba,  
O sítio, o solo e as explosões da Mina.<sup>XXII</sup>  
80 Aproveitam-se os Contos;<sup>XXIII</sup> dos Expostos  
Funda-se a Casa pia;<sup>XXIV</sup> um Lazareto  
Se traça e se dispõe; asilos santos  
Para reunir e prolongar a vida  
Do inocente que nasce  
85 De criminosa ou desgraçada sorte;  
E do que espera sem remédio a morte.<sup>XXV</sup>  
  
Um público Mercado em arcos surge;<sup>XXVI</sup>

---

<sup>XXII</sup> A Aula de Engenharia, aberta com assistência de Suas Excelências, onde se empregam com louvável aplicação muitos Militares e Paisanos, da qual é Lente João Rebelo de Cerqueira e Aragão.

<sup>XXIII</sup> A reforma da Casa dos Contos, que estava sem uso e ficou sendo bem útil pelos seus armazéns e por duas Prensas de Algodão que nela se puseram.

<sup>XXIV</sup> Uma Roda de Enjeitados, cuja obra se acha em boa altura, e nela se recolheram já catorze crianças.

<sup>XXV</sup> Um Hospital de Lázaros, para o qual todos os Moradores têm voluntariamente aplicado várias esmolas, conhecida a grande necessidade que há de se recolherem os miseráveis, infectos deste mal que tem grassado consideravelmente sem remédio.

<sup>XXVI</sup> O Mercado da Praça chamada da Polé: edifício vistoso e muito cómodo, composto de 62 casinhas sobre arcos, a cujo abrigo se vendem todos os efeitos da Terra.

- A Ribeira do peixe se começa;<sup>XXVII</sup>  
Aparelha-se um cómodo Guindaste;<sup>XXVIII</sup>  
90 Aterro sobre as ondas se levanta  
(Trabalho insano e duro,  
Mas ao certo utilíssimo trabalho,  
Que o trânsito franqueia e vinga a terra  
Das injúrias do Mar; e plano forma  
95 Capaz da nova Feira:<sup>XXIX</sup> ali três dias,  
E como em turbilhões a gente ferve

---

<sup>XXVII</sup> A Ribeira de peixe, em que se trabalha actualmente no largo da Penha, composto de 128 bancas.

<sup>XXVIII</sup> Um Guindaste para facilitar o desembarque dos Paus de construção das lanchas para o Telheiro e deste para os navios de transporte; cujo pesado trabalho era feito às costas de Forçados e Índios, a risco de se estropearem, como tem acontecido algumas vezes; à factura dos alicerces assiste Sua Excelência de noite, segundo as horas da maré.

<sup>XXIX</sup> A Grande obra do Aterro denominado dos Afogados, que por espaço de mais de 200 braças atravessa o Mar com oitenta palmos de largura: única e principal serventia desta Praça para a banda do Sul e amparo da terra pelo lado da boa vista (sic), para onde as águas tinham feito cabeça e viriam a fazer dano brevemente; sobre o mesmo Aterro se fez a nova Feira nos dias 19, 20 e 21 de Setembro próximo, estendendo-se em linha e com a mesma altura as Barracas, ricas de mercadorias e de víveres; a meia distância estava a tenda de campanha, em que Sua Excelência se recolhia; e foi tão numeroso o concurso do Povo que para evitar as desordens determinou o mesmo Senhor que andasse um Piquete de Cavalaria, Soldados de pé e a Ronda das Justiças, além de alguns Officiais encarregados da paz e sossego público; e não satisfeito de todas estas precauções aparecia ainda de noite a cavalo em diferentes horas e visitava as guardas da Vila, com que conseguiu que não houvesse nela um só furto nem na Feira o mesmo distúrbio.

E é Vila de altas e alinhadas tendas  
Onde os ocos madeiros<sup>xxx</sup> já cruzaram).  
Retira-se das Portas  
100 O torpe aspecto das tecidas canas;<sup>xxxI</sup>  
Os arriscados Jogos se proíbem;<sup>xxxII</sup>  
A Polícia dos povos se promove;  
Frequenta-se o Teatro.<sup>xxxIII</sup> Anfião e Orfeu  
Que outra coisa fizeram  
105 Quando muros e leis ao Mundo deram?  
  
São estas maravilhas  
E muitas outras que ideadas pendem<sup>xxxIV</sup>  
(E que lembram somente às grandes Almas)  
As que exigem de nós solenes cultos.  
110 Hoje, que o Sol um giro  
Completa sobre a Eclíptica brilhante  
Depois que o nono lustro

---

<sup>xxx</sup> Madeiros ocos são as Canoas feitas de um só pau cavado; embarcações próprias do País.

<sup>xxxI</sup> Tiraram-se das portas e janelas as chamadas urupemas, que deturpavam o aspecto dos edifícios.

<sup>xxxII</sup> Não permite Sua Excelência que hajam mais jogos que aqueles de mero divertimento, assim no seu Palácio como em toda a terra.

<sup>xxxIII</sup> Com a frequência do Teatro se adianta a civilidade e doçura dos costumes.

<sup>xxxIV</sup> Além dos estabelecimentos acima referidos, todos os mais de que carece o País e que podem remediar as necessidades dos Povos ocupam a ideia activa e criadora de Sua Excelência.

Contais de glórias e de aplausos cheio;<sup>xxxv</sup>  
Hoje, que o dia se renova ilustre  
115 Em que vistes do Mundo a luz primeira;  
Dia festivo à Lusa Monarquia;  
E para Pernambuco  
Dia de fausto agouro,  
Que o fará recordar a idade de ouro.

120 Oh, nunca Fado escuro  
Tão venturoso horóscopo envenene!  
Aura branda acompanhe as doces horas!  
E aos derradeiros Netos,  
Da gratidão movidos, da saudade,  
125 Os enrugados velhos,  
Mostrando com o dedo os sempre claros  
Monumentos do pródigo Governo  
Que o tempo não consome,  
Abençoarão de Dom TOMÁS o Nome.

---

<sup>xxxv</sup> Tem Sua Excelência quarenta e seis anos de idade.

---

O poema é formado por estrofes irregulares, em que o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo. Predomina o verso branco, mas há rima emparelhada nos dois versos finais de cada estrofe.

4. Soneto *Ou leve as armas a País remoto*

Testemunho impresso: Licença, p. 12

Aos Faustíssimos Anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Tomás José de Melo, Governador e Capitão-general de Pernambuco, Paraíba e mais Capitánias anexas

Soneto I

Ou leve as armas a País remoto  
E impávido sulcando os altos mares,  
Ousado afronte os inimigos ares  
E o Bóreas fero vença e o bravo Noto;

5      Ou do Régio Conselho enchendo o voto,  
Do novo Mundo nos distantes lares,  
Acções ilustres, feitos singulares,  
Vá produzindo com valor ignoto;

10     É prudência e valor tudo o que encerra  
O grande Herói dos Melos Lusitanos,  
Que os seus anais ilustra e ilustra a terra;

Dizei, confessai vós, Pernambucanos...  
Políticos heróis, heróis da guerra,



Aprendei de TOMÁS a contar Anos.

5. Soneto *Pôr duro freio ao dissoluto vício*

Testemunho impresso: Licença, p. 13

Soneto II

Pôr duro freio ao dissoluto vício  
Que as entranhas da Pátria devorava,  
Promover a abundância que faltava,  
Punir aos maus e ser aos bons propício;

5 Fazer universal o benefício,  
Que a indolência culpável denegava;  
Tornar feliz o que infeliz se achava  
E desterrar até do mal o indício;

São, Grande Melo, as nobres fidalguias  
10 Que ilustram já do teu Governo a história  
Mais que os brasões das Régias Jerarquias.

Assim do Tempo alcançarás vitória;  
Que de uns marcam-se os anos pelos dias;  
Mas os teus por acções de imortal glória.

6. Soneto *Que vejo, ó Céus! É este o desgraçado*

Testemunho impresso: Licença, p. 14

Soneto III

Que vejo, ó Céus! É este o desgraçado  
Pernambuco que a Fome devorava?  
Que a todo o instante em lágrimas banhava  
A dura algema e o grilhão pesado?

5 Agora exulta alegre congregado  
Onde com brava força o Mar rolava;  
E no vale em que a morte ameaçava,  
As Ninfas folgam, voa o Deus vendado!

10 Que braço, ou antes Nume alto e poderoso,  
Em bens nos converteu os fatais danos,  
Fez deste Povo um Povo venturoso?

Foi quem cumpre os Decretos soberanos,  
Quem é Sábio, Prudente e Valeroso;  
TOMÁS, que hoje domina sobre os Anos.

---

ABBA / ABBA / CDC / DCD

7. Soneto *O extenso Pernambuco aos Céus erguia*

Testemunho impresso: Licença, p. 15

Soneto IV

O extenso Pernambuco aos Céus erguia  
A triste face em lágrimas banhada;  
Vendo a moça Viúva desolada,  
O Inocente, a Donzela, em agonia.

5 Quando o Augusto Ceptro revolvía  
A ínclita Rainha sublimada;  
E logo, dividindo a azul Estrada,  
Vem Melo, que mil ditas prometia.

10 Entra logo a reinar grande abundância,  
Desterra-se a Fome; e os fatais danos  
Dela fogem então sem repugnância.

Parece enfim que os Numes soberanos  
Aqui desceram da celeste Estância,  
Quando TOMÁS numera novos Anos.

## **2. POEMAS PUBLICADOS POSTUMAMENTE**



8. Soneto *Não é mais rara que um sincero amigo*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 8 (an.) = *A*

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 15 = *A*<sub>1</sub> / BADE, FM, 424, f. 31v = *A*<sub>2</sub>

Versão de *A*

Não é mais rara que um sincero amigo  
Essa ave estranha que na Arábia voa;  
Fala-se dela, mas não há pessoa  
Que a visse neste ou no tempo antigo.

5 Enquanto do Céu tens risonho abrigo,  
Este e aquele de amigo o nome entoa;  
Mas um depois não há que se condoa,  
Se chegas a cair nalgum perigo.

Finalmente verás que de milhares  
10 De exemplos semelhantes se reveste  
A estável terra, os movediços mares.

---

*Legenda.* À Amizade *A*<sub>1</sub>

3. mas não há] sem haver *A*<sub>2</sub>

4. neste] nestes *A*<sub>2</sub>, ou no tempo] ou tempo *A*<sub>1</sub>

8. nalgum] em algum *A*<sub>1</sub>

Por fábula terei Pílade e Oreste;  
E tu que amigo verdadeiro achares,  
Dize que a Féniis encontrar soubeste.

---

12. Pílade (Pílates) e Oreste (Orestes) – São duas personagens lendárias aproveitadas pela tragédia grega que constituem um exemplo de firme amizade.

ABBA / ABBA / CDC / DCD



9. Soneto *Se alguém duvida que a beleza influa*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 9 (an.) = *A*

Testemunhos manuscritos: BA, 50-III-48, f. 1v = BNL, 8610, p. 16 = *A* / BADE, FM, 424, f. 43r = *A*<sub>1</sub>  
/ BM, Flores do Parnazo, V, [p. 32] = *B*

Versão de *A*

Se alguém duvida que a beleza influa  
Por virtude a que chamam simpatia,  
Veja em minha mortal melancolia  
Quanto pode comigo Délia crua.

5      Délia mais vária que a triforme Lua,  
Porém mais bela do que a luz do dia,  
A quem inda depois de cinza fria  
Seguirá de minha alma a sombra nua.

Mas em vão seguirá, que a dor não cabe,

---

2. E que dê no mundo simpatia *B*

3. mortal] imortal *B*

4. pode] vale *B*

5. que a triforme] do que a própria *B*

7. inda] ainda *B*

9. que a dor] que dor *A*<sub>1</sub> *B*

10      Suposto que dos rogos s'incomode,  
          Em quem talvez do seu rigor se gabe.

Fujamos, pois, que o Céu benigno acode,  
Não d'Amor, que fugir-lhe ninguém sabe,  
Mas de Délia, com quem amor não pode.

---

10. Suposto que dos] Por mais que de meus *B*

14. Mas de Délia] De Délia sim *A, B*

10. Soneto *Oxalá que constasse à gente toda*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 10 (an.) =  $A_1$

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 424, f. 27r =  $A$  / BNL, 8610, p. 21 (an.) =  $A_2$

Versão de  $A$

Oxalá que constasse à gente toda  
Teu falso proceder, vária Fortuna,  
Qual te viu sobre sólida coluna  
Da Grega Estirpe, da Romã, da Goda!

5 Já num pobre Tugúrio se acomoda  
Quem pendeu da magnífica Tribuna;  
Gemendo vai debaixo da importuna  
Miséria o mesmo que se alçou na roda.

Quando o tempo virá que esta mudança  
10 Que fazes ninguém tema? Pois devia  
Desterrar a rezão tão vil usança.

---

4. Estirpe] stirpe  $A_2$ , Romã, da Goda] Romana e Goda  $A_2$

6. da magnífica] de magnífica  $A_1 A_2$

8. o mesmo que] que  $A_2$

10. tema?] tema,  $A_1 A_2$

Triste daquele que inda em ti confia!  
Depois de gasta a vida em esperança,  
Não dura o teu favor mais do que um dia.

---

12. confia!] confia,  $A_1 A_2$

13. a vida] toda a vida  $A_1$

11. Soneto *Nas profundas entranhas de um rochedo*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 11 (an.) = *A*

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 213 = *A*<sub>1</sub> / BM, Flores do Parnazo, V, [p. 93] = *A*<sub>2</sub>

Versão de *A*

Nas profundas entranhas de um rochedo,  
Uma gruta formou a Natureza,  
De tão triste, tão fúnebre aspereza  
Que ao monstro mais feroz causara medo.

5      Ali passava Almeno o seu degredo,  
Monstro de Amor, imagem da firmeza,  
Sem ter mais sociedade que a tristeza,  
Nem outro emprego mais que o seu enredo.

Se da passada lida adormecia,  
10      No tumulto dos ais o despertava  
O contínuo rumor da fantasia.

---

1. profundas] horríveis *A*<sub>2</sub>

3. tão triste, tão fúnebre] tão horrenda e fúnebre *A*<sub>1</sub> tão estranha e fúnebre *A*<sub>2</sub>

5. Almeno] Albano *A*<sub>2</sub>

9. passada] cansada *A*<sub>2</sub>

A rocha sempre em lágrimas banhava,  
E quanto nela o pranto desfazia  
Tanto nela a firmeza fabricava.

---

14. Tanto] Quanto  $A_1$ , nela] nele  $A_2$

12. Canção *Ó vós, Zéfiros brandos, que voando*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 68-70 (an.) = *A*

Testemunho manuscrito: BGUC, 2555, f. 6r-8r = *B* / BM, Collecção Poetica, II, f. 49v-51v (an.) = *C*

Versão de *A*

Sonho

Ó vós, Zéfiros brandos, que voando  
À vista do Mondego que ali corre,  
Por entre as verdes folhas desta faia  
Brincais alegremente;

5 Enquanto do trabalho fatigada  
Repousa em doce sono a gente humana,  
Eu só desperto neste fresco vale  
Convosco estou velando.

Tudo dormindo está, tudo descansa,  
10 E a minha Alcida a estas horas dorme;

---

*Legenda. Canção B Ode C*

3. desta faia] destas faias *B C*

5. *Em A não há nunca separação estrófica*

6. em doce] no doce *C*, a gente humana] a humana gente *B C*

7. desperto] de perto *B*

Porém dormindo lá me tem consigo  
No brando pensamento.

Se acaso, amáveis sonhos, estas faias,  
Neste lugar por minhas mãos plantadas,  
15 Prazer vos dão, enquanto dorme Alcida  
Voai {a}onde eu vos mando.

Nas frescas margens dos serenos rios  
Que regam Pafos e os jardins d'Idália,  
Cresce travessa chusma numerosa  
20 De brincadores sonhos.

Com as asas bordadas de mil cores,  
De que dependem mil e mil desejos,

---

13. sonhos] ventos *B C*

14. por minhas mãos] por minha mão *C*

16. {a}onde] aonde *A*

17. Nas] Nestas *C*

18. Pafos] Cipse *B* Chipre *C*, Idália] Itália *A C*

22. dependem mil e mil] pendem mil espíritos, mil *B* pendem mil graças, mil *C*

16. A aférese é imposta pela métrica.

18. Parece-nos uma gralha clara, pelo que acolhemos a lição de *B*.

18. Idália – Vénus. O nome provém de *Idálio*, monte de Chipre.



Quais lindas borboletas revoando,  
Por entre os mirtos brincam.

25 Ora se sentam nas fragantes rosas,  
Ora se banham na mais clara fonte;  
Dormem de dia, velam toda a noite;  
Várias figuras tomam.

Citereia os sustenta, Amor os manda;  
30 É a seu mando fiéis que n'alta noite  
Da donzela gentil o casto seio  
Ousados acometem.

Se amaste[s] já, se o meu amor vos move,  
Voai, Zéfiros meus, voai ligeiros;  
35 Colhei-me à mão os sonhos mais formosos,  
Colhei quantos puderdes.

---

24. os mirtos] as murtas *B C*

25. sentam] assentam *B C*

29. os manda] que manda *C*

30. É a] Ao *B C*, que n'alta noite] o casto seio *B C*

31. o casto seio] lá n'alta noite *B C*

33.-36. *Falta esta estrofe em C*

33. amaste[s]] amaste *A* amasteis *B*

35. Colhei-me] Colhei *B*, os sonhos] sonhos *B*

36. puderdes] puderdes *B*

Trazei-mos sobre as asas bem seguros,  
Que vos não fuja um só; em mos trazendo,  
Voai, voai depressa, ide lança-los  
40                Sobre os peitos d'Alcida.

Sobre os peitos de Alcida inda nascentes,  
Um a um os lançaí, mas com brandura;  
Cubram seus peitos mil travessos sonhos  
E com eles se abracem.

45        Daí com brando jeito e gentil força,  
          'té o seu coração manso calcando,  
Todos a um tempo gostos lhe finjam,  
          Excitem mil prazeres.

          Acorde o seu amor, despertem n'alma  
50        Doces lembranças que até ali dormiam

---

37. Trazei-mos] Trazei-me *B*

38. em mos] e em mos *C*

40. os peitos] o peito *C*

42. Um a um] *A* um e um *C*, mas com] com *C*, os lançaí] lançaí *B* lançaí-os *C*

45. Daí] Dali *B C*, gentil] subtil *B C*

46. 'té o] 'té ao *B C*, manso calcando,] se lh'introduzam. *C*

47. gostos] mil gostos *C*

49. Acorde o seu] Acordem seu *C*

Acorde e seu amor desperte n'alma *B*

E brotem lá das íntimas entranhas  
Fervorosos desejos.

Arda mais incendiada a chama viva  
Que por mim de contínuo arde lá dentro;  
55 De veia em veia vá lavrando o fogo  
E o corpo lhe repasse.

Suspire então d'Amor, Alcino chame,  
Só veja o seu Alcino por quem morre;  
Amáveis sonhos, se em vós há ternura,  
60 Mostrai-lhe o seu Alcino.

De gosto ao ver-me o coração lhe salte,  
Doce sorriso por seu rosto voe;  
A mão me estenda, como quem me chama  
A seus queridos braços.

---

51. E brotem lá] E brotem *B*

52. Fervorosos] Vivíssimos *B C*

53. Arda] Acorde *B*, a chama viva] na viva chama *B*  
Acorde mais acesa a viva chama *C*

56. o corpo] os membros *B C*

58. Só veja] Veja ela *B C*, o seu] seu *C*

63. A mão estenda com que me chame *B* Estenda a nívea mão com que me chame *C*

64. Aos seus peitos me aperte. *C*

65 De seus mimosos encarnados beijos  
Desprenda, inda que em vão, risonhos beijos;  
Solte vozes d'amor e de ternura  
Banhada d'alegria.

Como se junto a si o seu Alcino  
70 Doce tivera sobre os alvos peitos,  
Cruze com ânsia os amorosos braços,  
Neles me tenha preso.

Então em mil prazeres entranhada,  
Solte um terno suspiro; e vós, ó ventos,  
75 Trazei-me aqui depressa, inda abrasado  
Das chamas de seu peito.

---

65. De seus] Dos seus *C*, mimosos encarnados] mimosos e encarnados *B*

68. No meio dos seus gostos. *B C*

69. junto a si o seu] junto ao seu *B* junto do seu caro *C*

70. tivera] estivesse *B C*

73. prazeres] deleites *B C*, entranhada] engolfada *C*

75. Trazei-me] Trazei-mo *B C*, abrasado] incendiado *B C*

76. de seu] do seu *B C*

A canção – ou ode – é formada por quadras de versos brancos. Do ponto de vista métrico, os três primeiros versos de cada estrofe são decassilábicos, ao passo que o último é um hexassílabo.

### **3. POEMAS INÉDITOS**



13. Idílio *Aonde acaba e estende*

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 424, f. 60r-65r

Idílio

Inde abit ulterius mediique per aequora Ponti  
Fert praedam; pauet hace litusque ablata relictum  
Respicit.

Ovi. *Met.* L. II

Aonde acaba e estende  
De um Pólo a outro o Mar mediterrâneo  
A costa que defende,  
Fenícia vemos; hoje do Otomano  
5 Província, que algum dia  
Seus próprios Reis havia;  
E já serviu de Escala ao Navegante  
Para o grosso comércio de Levante.

Aqui foi Palestina,  
10 Que depois padeceu mísero estrago;  
Daqui fugiu mofina

---

*Epígrafe.* Trata-se dos vv. 872-874 do livro II das *Metamorfoses*, de Ovídio. Tradução: «Logo vai mais longe e leva a presa para o meio do mar. Ela está tomada de medo e volta-se para a praia deixada para trás de onde foi levada».

A ilustre fundadora de Cartago;  
Aqui pois da campanha  
Que o fresco Leontes banha,  
15 No tempo do sossego miserando,  
Entre as mãos de Agenor estava o mando.

Na elevação de um Monte  
A Tíria capital do Reino estava;  
Ao mar que tem defronte  
20 Aprazível e alegre vista dava;  
De sobre esta colina,  
Vastíssima campina  
(Que pouco a pouco a branca praia dece)  
Coberta de rebanhos aparece.

25 Por este sítio ameno,  
De um plácido Ribeiro retalhado,  
Quando no Céu sereno  
Entrava a aparecer o Sol doirado,  
A soberana Europa,  
30 Com peregrina tropa  
De formosas Donzelas que a seguia,  
Pisando a mole relva ao mar decia.

Europa, bela Filha

---

16. Agenor – Filho de Posídon e da Ninfa Lídia, foi rei de Tiro ou Sídon e pai de Europa.



Herdeira do Fenício Rei potente,  
35           Única maravilha  
Daquele rico e vasto continente;  
          Europa, a quem destina  
          O Céu que vá benigna  
Reinar em Creta e nome dar jucundo  
40    À terceira e melhor parte do mundo.

          Brincando satisfeita  
Por debaixo dos Plátanos copados,  
          Airosamente enfeita  
De flores os cabelos engraçados;  
45           Flores que a companhia  
          Gostosa lhe oferecia,  
Quando já do calor meia afrontada  
À sombra se assentou desapertada.

          Rodeia Aura laciva  
50    A descuidada Ninfa mais formosa,  
          Mais engraçada e viva  
Do que na madrugada a fresca Rosa;  
          E neste seu desmaio,  
          Do Olimpo o Deus do Raio,  
55    Baixando a régia vista à Terra pobre,  
O formoso espectáculo descobre.

          E logo namorado  
De tão divina e rara formosura,

Por Silénio ajudado,  
60 Entre o Gado do Rei se desfigura;  
Não como em oiro chove  
O omnipotente Jove  
Pela filha de Acrísio, estranha forma  
De novo toma e em Toiro se transforma.

65 Em toiro mui fermoso,  
Que o pêlo tem mais branco do que a neve;  
Que tardo e vaporoso,  
Saindo da manada donde esteve,  
Dissimulado anda  
70 De uma e outra banda;  
E (como que o seu pasto procurava)  
Para a Fenícia Infante caminhava.

Ela, que o vê tão manso,  
Doméstico, pacífico, bem feito,  
75 Quisera com descanso  
Vê-lo mais a seu gosto; mas no peito  
O coração lhe esfria  
E sempre se desvia  
(De Jove com pesar), bem que a figura  
80 O ânimo mais tímido assegura.

---

63. Filha de Acrísio – Dánae. Apesar de encerrada numa câmara subterrânea por seu pai, a quem o oráculo predissera que seria morto pelo neto, viria a ser seduzida por Zeus, sob a forma de uma chuva de ouro, que se infiltrou por uma fenda do tecto até ao peito da jovem.

Perdido o horror primeiro  
Na estranha mansidão, no gesto brando,  
Que o Toiro lisonjeiro  
Artificiosamente vai mostrando,  
85 Europa se sossega  
E curiosa chega  
Com as Ninfas gentis que a{s} vão seguindo,  
Para ver mais de perto o animal lindo.

O natural respeito  
90 Que inda quando escondida a Divindade  
Causa a humano sujeito,  
Se disfarçava em tal conformidade  
Que na bicorne frente  
Nem sequer se persente  
95 O menor resplendor do Grão Tonante,  
Que tudo fazer pode um Deus amante.

Então sem mais cautela,  
A filha de Agenor, de várias flores  
Tecendo uma capela  
100 Como aquelas que tecem os Pastores,  
O manso Toiro afaga  
E já talvez pressaga  
Dos futuros sucessos, por adorno  
Cingiu de flores um e outro corno.

105 O Toiro fementido

Da Inocente Princesa as mãos beijava;  
E ela, que do fingido  
Animal cada vez mais se fiava,  
Ultimamente veio  
110 A subir sem receio  
No Toiro, que se inclina e o verde Prado  
Com ela corre alegre e sossegado.

Chegou-se para a Praia  
Do mar, aonde aos poucos se metia;  
115 E como quem se ensaia  
Para o famoso roubo que empreendia,  
Tornava a trazer fora  
A Principal Senhora,  
Que mais se descansava e descuidava  
120 Da vil Traição que Jove meditava.

As Ninfas que a serviam  
Cantando e rindo vão de a ver gostosa;  
De flores mil cobriam  
A de Jove futura e bela Esposa;  
125 Mas eis que de repente  
(E quando mais contente  
A linda Europa estava) na mais alta  
Porção salobra o branco Toiro salta.

Não corre tão ligeira  
130 A Nau de rijos ventos impelida;

- Não tanto na carreira  
Desaparece a Corça perseguida;  
    Não em tempo tão breve  
    O Passarinho leve  
135 Os ares rompe, como afoito e ousado  
    No mar se arroja o Toiro levantado.
- Com o fermoso peso,  
O roubador d'Europa as ondas corta  
    E de perigo ileso  
140 De Cândia aos novos climas o transporta;  
    A pálida Donzela,  
    Tornando a vista bela  
Para a saudosa e Tíria companhia,  
Parece que chorando assim dizia:
- 145       «Dorina, Alcínoe, Glaura,  
Valei-me, acompanhai-me, socorrei-me;  
    Qual é que me restaura?  
Acudi-me, salvai-me, defendei-me.  
    Não já por companheiras,  
150 Amigas verdadeiras,  
Mas ao menos por pena, por piedade,  
Por esta oculta Lei da Humanidade.

---

140. Cândia – Nome por que também foi conhecida a ilha de Creta.

«Correi ao Padre amigo  
E dizei-lhe que venha a libertar-me;  
155           Correi, como vos digo,  
Senão tarde virá para livrar-me;  
              Contai-lhe como a Filha  
              Numa vivente Quilha  
(Se é que de dar-me a morte se não trata)  
160       Lhe rouba atroz indómito Pirata.

«Nem uma me socorre!  
Em vão suspiro, choro, em vão discorro;  
              A triste Europa morre  
Se não lhe acode alguém a dar socorro,  
165           E vida»... Interrompida  
              Nesta palavra *vida*,  
A voz de todo quase sufocada  
Tirou no peito e mal se ouviu truncada.

Só com a mão direita  
170       A Disgraçada, Mísera e Mesquinha  
              (Entanto a vista deita  
              À praia) num dos cornos se sustinha;  
              Com a esquerda tremendo,  
              Acenava estendendo  
175       O Braço em vão, e a pena em que se achava  
              Somente por acenos explicava.

Confundidas, absortas,

Pesarosas, imóveis e assustadas,  
E como de dor mortas,  
180 As Donzelas estão no mar pasmadas.  
Em confusão tamanha,  
Cada qual a acompanha  
De seus olhos, ao longe a voz ouvindo  
Da Princesa Real que vai fugindo.

185 Qual às ondas se lança,  
Desejando segui-la na Disgraça;  
Qual a doirada Trança  
De seus loiros cabelos despedaça;  
Qual os próprios vestidos,  
190 De fina lã tecidos,  
Furiosa rompe; qual a dor expressa  
Apertando as mãos ambas na cabeça.

Qual os braços incruza  
E leva aos Céus os olhos lacrimosos;  
195 Qual os Astros acusa  
De Severos, de Avaros, de Invejosos;  
Qual agastada grita,  
Qual triste, qual aflita  
Roto um cândido lenço patenteia  
200 Dois pomos em que Amor todo se enleia.

Qual a chamar por ela  
«Europa, Europa minha, lhe dizia,

Aonde vás? Que Estrela  
Te separa de nós? Onde te guia?  
205 Primeiro que te escondas  
Lá nessas negras ondas,  
Escuta-me sequer, fala, responde:  
Aonde Europa vás? Dize-me aonde.

«Formosa Navegante,  
210 Torna atrás; ai de ti!, que vás perdida  
Em tão extravagante  
Barca, de nós ‘té ‘qui desconhecida;  
Considera o perigo  
Em que estás; inimigo  
215 Deve ser quem te leva e te procura  
Nessas águas cruéis a sepultura.

«Deveras assim deixas  
As amigas em tanto desamparo?  
Escuta as nossas queixas,  
220 Os nossos ais escuta... Mas reparo,  
Reparo que estás muda  
E que uma dor aguda  
(Bem o mostra na cor teu lindo rosto)  
Te vai já consumindo com desgosto.

---

204. nós?] nós;



225           «Torna, Animal tirano,  
A trazer-nos a prenda que nos levas;  
              Não, pérfido e profano,  
À Filha do meu Príncipe não te atrevas.  
              Logo por mau agoiro  
230           Tive o ver este Toiro;  
Meu triste coração bem mo dizia,  
Mas se eu o dissesse então, ninguém me cria.

              «Ó justamente tristes  
Companheiras, que tanto bem perdemos  
235           À vista do que vistes;  
Agenor que fará? Que lhe diremos?  
              Quem a triste notícia  
              Da Infante de Fenícia  
Ao Velho Rei dará? Nem como agora  
240           Tornaremos, amigas, sem Senhora.

              «Aonde, aonde iremos,  
Órfãs, aflitas, sós, desamparadas?  
              Como não viviremos,  
Amigas, desde aqui desconsoladas,  
245           Se sempre, sempre impresso  
              O mísero sucesso,  
A Disgraça fatal, a triste História,

---

242. desamparadas?] desamparadas,

Havemos ter escrita na Memória?»

Disse e de vista perde  
250 A atónita e confusa sociedade,  
No mar escuro e verde,  
Este objecto da mágoa e da saudade.  
Os vales e os oiteiros  
Os ecos derradeiros  
255 Das Ninfas, que inda aqui se estão ouvindo,  
Ficaram longo espaço repetindo.

---

248. Memória?] Memória.

O idílio é constituído por oitavas, que obedecem ao esquema rimático ABABCCDD. Do ponto de vista métrico, são usados o decassílabo e o seu quebrado, o hexassílabo. Do primeiro tipo são os versos 2, 4, 7 e 8, sendo os restantes hexassilábicos.

14. Epístola *Nem por ver-vos, Amigo, tão ditoso*

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 424, f. 83r-85v

Epístola

Nem por ver-vos, Amigo, tão ditoso  
Nesse Prado feliz que o Doiro banha,  
Deixeis d'ouvir quem vive desgostoso;

De meu queixume triste a voz estranha  
5 Merece que lhe deis piedoso ouvido,  
Porque vos diga o mal que me acompanha.

Não pertendais de mim verso alto e erguido,  
Que só costuma ser pesada e triste  
A frase em que se explica algum gemido.

10 Que seja nessa ou noutra, não consiste  
Nisso a graça dos Versos, se são feitos  
À imitação da dor que n'Alma assiste.

Pastores ouvi já que por conceitos  
Somente se explicavam; mas contudo  
15 Não eram no lugar os mais aceitos.

Quem sofrera um tormento fero e duro

Que fé nos merecera se o contara  
Da maneira que conta o mais sesudo?

20 Por mais alta expressão com que buscara  
Fazer-nos vivamente uma pintura  
De seus males, ninguém lha acreditara.

De um que vive malquisto da Ventura  
Que se pode esperar senão que diga  
Forçados versos de cadência dura?

25 Senão queixumes mil de que o persiga  
Sem motivo a Fortuna injusta e cega  
Que a tantas sem-razões no mundo obriga?

30 Senão que de ordinário tolhe e nega  
O gosto em flor, a dita em novidade,  
A quem a terra corre e o mar navega?

Assim, meu caro Amigo, na Cidade  
Entre as glórias também ouvir-se deve  
Um triste habitador da soledade.

35 Aquele Pastor vosso vos escreve  
Que quase sempre em guarda ao manso Gado  
Convosco neste ameno campo esteve.

Aquele Anfriso sou que tão prezado

(Enquanto Amor e a sorte o permitia)  
Foi dos outros Pastores deste Prado.

40 Agora imagens tristes de agonia  
São todas as que encontro nos lugares  
Adonde as vi de gostos algum dia.

Das formosas Pastoras os cantares  
Apenas se ouvem já, que a vossa ausência  
45 De mágoas encheu tudo e de pesares.

A bela Pastorinha, que a violência  
De um mal pagado amor também cantava,  
Já co{m} as outras não canta em competência;

A graça que em seu rosto sempre andava,  
50 Depois que vos não logra o nosso monte  
Da vista mais curiosa se ocultava;

Já não dece ao cristal da fresca Fonte  
Que fica da choupana tão vizinha,  
Quando o Sol vai fugindo do Horizonte.

55 Qualquer outra Pastora que antes tinha  
O costume de vir com ela ao vale,  
Depois que vós vos foste{i}s já não vinha.

---

48. A métrica impõe esta apócope.

Não há Pastor, amigo, que não fale  
Da falta que fazeis, de mágoa cheio,  
60 Ou peito que de dor se não estale.

Todos choram de ver que o tempo veio  
Em que faltando a vossa companhia  
Faltasse para o gosto o melhor meio.

A mim me lembra um dia que o Sol ia  
65 Nas ondas esconder-se, ouvir queixar-se  
Da Fortuna um Pastor, que assim dizia:

«Quem pode haver que deva contentar-se  
Dos mimos da ventura, se não dura  
Nenhum deles a tempo de lograr-se?

70 «Não há Ventura amena tão segura  
Que mil vezes não mude, e mal se fia  
Quem se fia nos logros da Ventura.

«Quem pudera temer ou quem diria  
Que Lereno, Pastor que eu mais prezava  
75 Que tudo quanto meu no monte havia,

«Sem ver as grandes penas que me dava,

---

69. lograr-se?] lograr-se.

Procurasse outro aprisco, outro rebanho,  
Que tanto deste meu distante estava?

80 «Que partisse a viver em monte estranho,  
Deixando para sempre a nossa Aldeia  
Sepultada e metida em mal tamanho?

«Nem sequer por ouvir a Doroteia  
Ou ver dançar a Eugénia peregrina,  
Outro acordo tomou, mudou de ideia.

85 «Parece que a desgraça determina  
Tantos males assim, pois tudo andava  
Pronosticando há muito esta ruína.

90 «Aquele negro corvo, quando dava  
Três voltas sobre nós estoutra tarde  
Em que Lerenó ali cantando estava,

«Comigo disse logo: *Deus nos guarde*  
*Que este agoiro nos caia; bem conheço*  
*Que é mal que está por vir ou cedo ou tarde.*

«Além disso, tomei por caso avesso

---

78. estava?] estava:

81. tamanho?] tamanho:

95       A morte repentina de um cordeiro  
          Que na luta me foi julgado em preço;

          «A Disgraça que teve o meu rafeiro,  
          De que ficou perdido e quase coxo  
          Entre as garras de um Lobo carniceiro;

100       «Ultimamente a triste voz de um Mocho  
          Que ouvimos muitas noites a esta parte  
          Primeiro que o Sol rompa o manto roxo;

          «Tudo indícios me dava, que desta arte  
          Costuma antecipar a Providência

105       Os avisos dos males que reparte.

          «Não tardou muito, não, que a dura ausência  
          De Lerenos nos deu tantos pesares  
          Que os não compreende a minha inteligência.

          «Os meus olhos, com lágrimas a pares,  
110       Para afogar a dor que n'Alma tenho,  
          Inda vertem mais água que dois mares.

          «Agora (e como cedo) a saber venho  
          Que não há bem que dure sobre a Terra  
          E que em vão a esperá-lo me entretenho.

115       «Lerenos aos nossos olhos se desterra;



Lereno, o mais discreto, o mais famoso  
Pastor que até 'qui viram vale e serra.

«O Mondego parece que saudoso  
Pela perda que fez, com passo grave  
120 Vai regando o seu campo deleitoso.

«Não há salgueiro ou choupo a que não cave  
A profunda raiz; e ao mar salgado  
Caminha mais medonho que suave.

«A tudo o mais que vejo o meu cuidado  
125 Se estende e comunica; não sei como  
Lhe estava tanto dano aparelhado.

«Se as minhas longas penas noto e somo  
Pelas luzes do Céu sereno e santo,  
É curto o grande número que tomo».

130 Aqui tinha o Pastor seu largo pranto,  
Quando vinha da noite o triste rosto  
Deitando sobre a terra o negro manto.

Levantou-se o Pastor, e tendo posto  
Os olhos na choupana, a foi buscando,  
135 Conduzindo consigo o seu desgosto.

---

130. *tinha* parece adequar-se mal ao contexto. Uma solução possível seria *finda*.

Eu que estava no mesmo contemplando  
E então somente vi que a noite vinha,  
Também me fui do sítio levantando.

E como tanto ao próprio me convinha  
140 A queixa que o Pastor soltava ao vento,  
A dele vos remeto pela minha.

Vós, que tendes enfim conhecimento  
Do mal que a triste ausência traz consigo,  
Cuidando do Pastor e seu tormento,  
145 Vereis qual fica Anfriso vosso amigo.

---

A epístola é formada por decassílabos, agrupados em tercetos e numa quadra final. Os tercetos obedecem ao esquema rimático ABA, sendo que B é sempre retomado como A da estrofe seguinte. A quadra apresenta como modelo rimático ABAB.

15. Ode *Não procura palácios suntuosos*

Testemunho manuscrito: BADE, FM, 424, f. 96r-97r

Não procura palácios suntuosos  
A estimável saúde;  
O seu rosto agradável e risonho  
Aos próprios Reis se esconde;  
5 Ela faz com que seja venturoso  
O colo peregrino,  
Se entr'os crespos cabelos lhe aparece  
Um semblante sadio.  
O cativo remeiro fatigado  
10 Do ardente Sol não fuja;  
Em ferros envolvido o duro corpo,  
Trabalhe o dia inteiro;  
O queimado semblante ande banhado  
De violento suor;  
15 Apressado mastigue e poucas vezes  
O corrupto biscoito;  
Mas traga o rosto alegre e sossegado  
Entre as duras prisões,  
Se da pálida doença não tem visto  
20 O macilento aspecto;  
Se com braço robusto e vigoroso  
Aperta o duro remo.

Inda sinto inflamar-me em teus louvores,  
Ó saúde aprazível!  
25 Tu és Filha do Céu, Mãe da alegria,  
Dom de Deus piedoso;  
Se os míseros mortais expõem as vidas  
Por inúteis riquezas;  
Por elas que fariam se servissem  
30 De te fazer propícia?  
Filha do Céu benigno, se te deras  
Por oiro ou fina prata,  
Eu não temera as encurvadas ondas  
Do férvido Oceano;  
35 Nos ocultos sertões não receara  
O Bárbaro Tapuia;  
Não me assustara o dente venenoso  
De enroscada serpente;  
Do fértil Oriente nos oiteiros  
40 Cavaria ansioso,  
Por ver se das entranhas te trazia  
Abundantes tesoiros.  
Mas a bela Saúde é dom celeste  
Só aos justos devido.  
45 Ela foge dos ímpios que se assentam  
A saborosas mesas,  
Que adormecem em leitos guarnecidos  
De seda preciosa,  
E vai guardar em pródigo cuidado  
50 O pobre pescador

Que sobre ásperas rochas, sem abrigo  
Aos rigorosos tempos,  
Vai nutrindo no corpo mal vestido  
Um Coração sincero,  
55 Que humilde sabe erguer ao Céu piedoso  
As inocentes mãos.

---

A ode é formada por versos brancos. Quanto à métrica, o decassílabo alterna com o seu quebrado, o hexassílabo.

16. Égloga *Graças a Deus que já dos seus tesouros*

Testemunho manuscrito: BGUC, 2555, f. 8r-10r

Graças a Deus que já dos seus tesouros  
Abre as portas o Sol, mostrando à terra  
Soltas madeixas de cabelos louros!

Pouco a pouco o Inverno se desterra  
5 E derretida a neve congelada  
Vai-se tornando verde a branca serra.

Deixando a pompa da corrente inchada,  
Já mais pobre o Mondego vai fugindo  
Desta fértil campina dilatada.

10 O monte, o prado e tudo se está rindo,  
Na esperança de ver com brevidade  
Da bela Primavera o rosto lindo.

Finalmente, do tempo a amenidade  
Vem alegrar o mundo e dar motivo  
15 Para a minha maior felicidade.

Já terão minhas penas lenitivo;  
Pois agora verás, ó Ninfa bela,

Em cuja vista só me julgo vivo.

Não tem o Céu mais brilhadora estrela  
20 Nem há no campo flor mais primorosa  
Que em nada possa comparar-se a ela.

Oh!, se assim como é bela, se piedosa...  
Porém esse erro foi da natureza,  
Que tão bárbara a fez quanto formosa.

25 A firme fé, o puro amor, despreza  
Que lhe rendi desde o primeiro instante  
Que vi tão raro assombro de beleza.

E foi a seta de amor tão penetrante  
Que por mais que ela teime a desprezar-me  
30 Não poderei deixar de ser-lhe amante.

Ah, se um dia Cupido, por vingar-me,  
Lhe abrasasse de sorte o peito frio  
Que um breve instante só chegasse a amar-me!

Veria a sem-razão do seu desvio;  
35 Mas de que serve a ideia em que me canso,  
Se quanto cuido mais mais desvario?

---

28. Tal como está, o v. tem 11 sílabas. Uma emenda possível consistiria na supressão da copulativa inicial.

Quantas palavras, quantas vistas lanço  
À parte aonde a Ninfa cruel mora  
Em nada lhe perturbam o descanso.

40 Triste de quem amando ausente chora,  
Desde que morre o Sol até que o dia  
Vem correr a cortina a roxa Aurora!

E por bem satisfeito se daria,  
Se em prémio de tais ânsias e tormentos  
45 Um olhar só de Tirce conseguira.

Bárbara Tirce, a quem centos a centos  
Invio os meus terníssimos suspiros,  
A todo o instante, a todos os momentos;

Vê que a tua isenção e os teus retiros  
50 Fazem correr as lágrimas perenes  
Pelo meu triste rosto em largos giros.

Os meus puros afectos não condenes;  
Antes aceita (assim o Céu permita)  
Que jamais por nenhum ingrato penes.

55 Não rogo me concedas outra dita  
Mais que deixar-me ver teus belos olhos,  
Por quem esta alma sempre vive aflita.



Eles podem fazer com que os abrolhos  
Troquem a sua rústica aspereza  
60 De tenras flores em cheirosos molhos.

Eles podem fazer que da dureza  
De um negro pedrenal feio, escabroso,  
Brandas águas produza a natureza.

Tirce, se nada disto te é custoso  
65 E podem os teus olhos fazer tanto,  
Que te custa fazer-me venturoso?

As mesmas feras vejo, com espanto,  
Mostrarem-se a meus ais enternecidas;  
Só tu, bárbara, zombas do meu pranto.

70 Se eu visse te seriam atendidas  
As prendas que a ti guardo destinadas,  
Já há muito tas teria oferecidas.

Tenho duas capelas concertadas  
De perpétuas vermelhas e amarelas  
75 .....

Tenho dois passarinhos, além delas,  
Que uma noite furtei do pátrio ninho,

---

75. Este verso está riscado no original.

Sendo só testemunhas as estrelas.

Também te guardo um tenro cordeirinho,  
80 Um bem feito cajado e um pelico  
Das finas peles do mais branco arminho.

E tudo desde agora te dedico;  
Nem te seja, por pobre, pouco aceito,  
Pois só me fez de amor a sorte rico.

85 Da tua formosura como efeito,  
Enfim te rendo por trofeu, por palma,  
Um firme coração dentro em meu peito,  
A mais constante fé dentro em minha alma.

---

A égloga é formada por decassílabos, agrupados em tercetos e numa quadra final. Os primeiros obedecem ao esquema rimático ABA, sendo que B é sempre retomado como A da estrofe seguinte. A quadra apresenta como modelo rimático ABAB.

17. Soneto *Contra Amor e Fortuna, meus contrários*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 269

Contra Amor e Fortuna, meus contrários,  
S'uma língua tivera ou voz de ferro,  
Os queixumes que dentro n'alma encerro  
Publicara ao mundo em termos vários.

5       Mostraria que Amor de seus erários  
As portas m'abriu já, que em vil desterro  
Fortuna irada, em pena do meu erro,  
Trocou aqueles bens imaginários.

10       Das duas Divindades mal regido,  
Uma a grandes empresas m'importuna,  
Outra rebate o pensamento erguido;

Inimigas, não há poder que as una,  
Que sem amor fortuna é bem perdido,  
Como amor é perdido sem fortuna.

18. Soneto *Coridon, Coridon, dentro das veias*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 270

Coridon, Coridon, dentro das veias  
O triste sangue meu sinto gelado,  
Quando vejo perdido andar teu gado,  
Perdidas tuas míseras colmeias.

5 Choram-te as Ninfas, choram-te as Napeias,  
Até por ti parece chora o prado;  
«Córidon, Córidon de nós amado»,  
Vejo escrito nos troncos, nas areias.

10 Quando tempo virá, ó sorte impia,  
Em que ornando-te a fronte de mil flores  
Venhas cantar em nossa companhia?

Mas, ó fado cruel! duros rigores!  
Quando, ó morte, será aquele dia  
Em que vejas constantes teus pastores?

19. Soneto *A Lira rouca, já destemperada*

Testemunhos manuscritos: BADE, FM, 542, p. 234 = *A* / BNL, 8610, p. 271 = *A*<sub>1</sub> / BNL, 8603, p. 607 = *A*<sub>2</sub>

Versão de *A*

À Arcádia

A Lira rouca, já destemperada,  
Aqui de um freixo deixarei pendente;  
Passando o Caminhante se lamente  
De a ver emudecida a um tronco atada.

5 Se aquela Arcádia nobre em que estimada  
A Lira tocou já tão docemente  
Agora se desfaz, quanto ela o sente  
Conheça quem a vir dependurada.

Nunca mais deste rústico instrumento  
10 Se forme na infeliz concavidade  
Voz que possa exprimir contentamento;

---

*Legenda.* À separação da Arcádia de Lisboa *A*<sub>2</sub> *Falta em A*<sub>1</sub>

1. rouca, já] rouca e já *A*<sub>1</sub> *A*<sub>2</sub>

7. ela] essa *A*<sub>1</sub>

9. deste] neste *A*<sub>2</sub>

10. Se forme] Alterne *A*<sub>2</sub>

Sirva posta no horror da soledade  
Ou de culto of{e}recido ao sentimento  
Ou de vítima triste da saudade.

---

13. of{e}recido] oferecido  $A A_1 A_2$

13. A métrica impõe esta síncope.

ABBA / ABBA / CDC / DCD

20. Soneto *Uma única Ovelha era o meu gado*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 272

Uma única Ovelha era o meu gado,  
Nem mais Ovelha nem mais gado tinha;  
Do leite que ela dava me mantinha  
E era o gabão da sua lã forrado.

5 Pastor mais rico que eu, mais abastado,  
E que em tom d'amizade ao Casal vinha,  
Ganhando inveja da pobreza minha,  
Fugiu com ela a mais feliz montado.

10 Roubou-ma, e lá n'alguma estranha cova,  
Porque a busco há mil dias e a não vejo,  
D'istante a instante o meu pesar renova.

Ó tu, que és guarda tutelar do Tejo,  
Não busques pena ao seu delito nova;  
Sinta a mesma que eu sinto, é de sobejo.

21. Soneto *Uma tarde, inda o tenho no sentido*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 273

Uma tarde, inda o tenho no sentido,  
Em que sozinho com Nitóire estava,  
Num peito buliçoso lhe tocava,  
D'ousado menos que d'amor movido.

5       A Pastora com gesto enfurecido  
Os lindos olhos sobre mim voltava,  
E sem dizer palavra s'ausentava  
De mim, da Aldeia e do Casal perdido.

10       Nunca mais quis ouvir-me e lá m' acusa,  
Onde está, de que a muito m'atrevera,  
Como s'amor de vãos respeitos usa.

Ah, não sejas, Nitóire, tão severa!  
Vê que é tal o meu erro e tal a escusa  
Que outra vez t'agravara se pudera.



22. Soneto *Quanto custa, caríssimo Almenino*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 274

Quanto custa, caríssimo Almenino,  
Por estes solitários arredores  
Não ouvirem os tristes guardadores  
O teu Canto celeste e peregrino.

5 As Pastoras das tranças d'oiro fino  
Não curam, descontentes, nem de flores  
Como dantes s'enfeitam os pastores  
Nas margens do ribeiro cristalino.

10 Cada qual entre as lágrimas que verte,  
Proferindo o teu nome, em vão s'assusta  
Da mágoa, sem remédio, de perder-te;

Chama bárbaro a Pã, Diana injusta;  
Ora infere daqui, viver sem ver-te,  
Caríssimo Almenino, quanto custa.

23. Soneto *Dum mau Legislador a lei mesquinha*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 275

Dum mau Legislador a lei mesquinha  
A que extremos não leva o peito humano!  
Qual foge a quem o leva e por seu dano  
Após de quem lhe foge então caminha.

5 No mesmo trato que os seguros tinha  
Duma jurada fé s'encontra engano,  
Que em todo o Império do fatal tirano  
É sempre a pena do prazer vezinha.

10 Tão claras sem-razões o mundo observe  
E achará que inda o bem que alcança hoje  
Amanhã pode ser que o não conserve;

Haja, Amor, quem do ceptro te despoje.  
Se pagas dessa forma a quem te serve  
Qual a pena será de quem te foge?

24. Soneto *Visão triste ante os olhos s'of'recia*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 276

Visão triste ante os olhos s'of'recia,  
Formosa Anarda, em noite escura e feia,  
Tal que somente de ajuntar na ideia  
O corpo ainda, o coração m'esfria.

5        Sonhei que d'alto sobre mim caía  
Sombra fatal, que em torno me rodeia,  
Nas mãos trazendo lânguida candeia,  
Que longe a um canto do aposento ardia.

10       «Mais breve que esta luz, em tom medonho  
De voz me disse, desgraçado amante,  
Teu alto bem na duração suponho»;

Acordo e já não vejo o Espectro errante;  
Porém tomando por agoiro o Sonho,  
Choro o perdido desd'o mesmo instante.

25. Soneto *Maligna estrela o puro affecto nosso*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 277

Maligna estrela o puro affecto nosso  
/\*Alte[r]a/, em ódio ao prazer converte;  
Todos podem falar-te e podem ver-te,  
Só eu nem ver-te nem falar-te posso.

5 Impede muro levantado e grosso  
Que nem meus braços a teu peito aperte;  
Nem cá de longe me convém dizer-te  
O que m'ensina o Sagitário moço.

Discorra embora perseguido e triste  
10 O frágil corpo, não s'apaga a chama  
Que eternamente na minha alma existe;

Nenhum estorvo o puro amor inflama:  
O mesmo serei sempre qual me viste,  
Que enfim não ama o corpo, a alma é que ama.

---

2. De acordo com a leitura – dubitada – que fizemos, pareceu-nos haver uma gralha no original, que por isso corrigimos.

26. Soneto *Esse laço que armou o Deus vendado*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 301

Esse laço que armou o Deus vendado  
Para prender-me a solta liberdade,  
Cheio de gosto, cheio de vontade,  
Brevemente o verás despedaçado.

5 Assim mesmo partido, assim quebrado  
(Porque vejas qual é minha verdade),  
Nas tuas mãos, à tua Divindade  
Prometo que há-de ser sacrificado.

10 Pisa-o, abrasa-o, que eu verei constante,  
Sem temor, sem paixão, sem cobardia,  
Subir ao Céu o fumo tremulante;

Eu mesmo arrojarei a cinza fria  
No manso Letes; vê s'isto é bastante  
Para vencer, para agradar-te um dia.

27. Soneto *Por mais que o mar, ó Fábio, embravecido*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 302

Por mais que o mar, ó Fábio, embravecido  
Contra o rochedo altivo se levante;  
Por mais que furioso o Noto espante  
A robusta altivez do Cedro erguido;

5        Só servirá seu bárbaro ruído  
De o deixar mais soberbo e mais constante;  
Só servirá sua cólera arrogante  
De o deixar mais ufano e presumido.

10       Mais que o rochedo ao mar, que o cedro ao vento,  
Sobre as injúrias da inconstante sorte  
Sempre igual teu espírito s'eleve;

Pois todo teu furor, bem que violento  
S'arme contra o Valor do varão forte,  
É, Fábio, espuma vã, é sopro leve.

28. Soneto *É sintoma beleza e formosura*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 303

É sintoma beleza e formosura,  
E tão maligno que a inocente vida,  
Nesciamente a seu dano agradecida,  
Com semblante do bem, seu mal procura.

5      A que vieste ao mundo, ó sem ventura,  
Beleza criminal, prenda homecida,  
Mais que a fazer das almas pertendida  
Como dilícia a própria desventura?

10     Não bastavam as vítimas humanas,  
Sem que da morte os triunfos sacrilégios  
A ser por ti passassem d'improviso?

Alerta pois, Deidades soberanas,  
Que não valem divinos privilégios,  
Pois a morte entrou já no Paraíso.

29. Soneto *Cópia gentil que a mão do Omnipotente*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 304

Cópia gentil que a mão do Omnipotente  
Fez a rasgos de luz tão clara e pura  
Qu'entre um e outro mal se conjectura  
S'um é dois ou se dois é um somente.

5 Tão semelhantes sois, tão vivamente  
Um ao outro retrata ou transfigura  
Que não destingue o sexo a formosura  
Nem a unidade o mundo desmente.

Já que sois por milagre de beleza  
10 Um par sem par, agora em doce calma  
Faça Amor o que fez a natureza;

E valendo um ao outro a mútua palma,  
Se dois um corpo sois na gentileza,  
Sede assim na fineza dois uma alma.

---

8. Este verso apresenta uma acentuação menos comum: 5-7-10.



30. Soneto *Não é, não, generosa simpatia*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 305

À morte de César

Não é, não, generosa simpatia,  
Júlio soberbo, o impulso temerário  
Com que intentas na estátua do vil Mário  
Afrontar a Romana Monarquia.

5 Bem sabe em Roma o mundo que a porfia  
De a colocar no público sacrário  
Foi só por haver sido o faccionário  
Pedra angular da tua tirania.

Ah, César, César! Queres erguer Templo  
10 À Sorte? E és tão mal aconselhado  
Que o fundas sobre pedras arruinadas?

Pois pode ser, e com bem triste exemplo,  
Que as pedras que hoje pisas no Senado  
Dentre os teus pés as vejas levantadas!

---

ABBA / ABBA / CDE / CDE

31. Soneto *Que acção misteriosa t'embaraça*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 306

Que acção misteriosa t'embaraça,  
Magnânimo Alexandre, a que não queiras  
Ver nessas três belíssimas Guerreiras  
D'Ásia toda a dilícia e toda a graça?

5      É por não agravar da sorte escassa  
O rigor entre vistas lisonjeiras,  
Ou porque de tão altas prisioneiras  
Não te cabe nos olhos a desgraça?

10     Bem pode ser, e eu mais de ti confio,  
Mas penetrando mais profundamente  
Do teu peito o sagrado mist{e}rioso,

Não viste as caras prendas de Dario  
Porque da vista o pejo reverente  
Do coração foi medo valeroso.

---

11. A métrica impõe esta síncope.

1.-14. Este soneto toma por base o episódio da história clássica relativo ao combate entre o macedónio Alexandre III, o Magno, e o persa Dario III. A batalha ocorreu em Isso, em 333 a.C., tendo sido favorável a Alexandre, que se apoderou da mulher, do filho e das três filhas de Dario.

ABBA / ABBA / CDE / CDE

32. Soneto *Passa o dia, a semana, o mês e o ano*

Testemunho manuscrito: BNL, 8610, p. 307

À brevidade da vida

Passa o dia, a semana, o mês e o ano,  
E sendo cada instante um homecida,  
A esta perene morte chama vida,  
Por antífrase, cego o nosso engano.

5 Quando com verdadeiro desengano  
Esta tão ignorada e desabrida  
Evidência fatal há-de ser crida  
E há-de ser conhecido o nosso dano?

Da Puerícia é morte a Adolecência,  
10 Da Adolecência é fim com igual dano  
A consistência, e desta a extrema idade;

Que bom fora acabar, s'em consequência,  
Que assim como sucede à vida a morte,  
Não sucedesse à morte a eternidade!

---

10. A palavra final do verso origina um esquema rimático anômalo. Supomos que deve haver gralha no original. Uma hipotética solução seria *sorte*.

33. Soneto *Não esquece o triunfo já passado*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnazo, IV, [p. 141]

Não esquece o triunfo já passado,  
Se existe algum despojo da vitória;  
Não é do bem a posse transitória,  
Quando fica na ideia o seu treslado;

5        No templo da minha alma está gravado  
          O rosto de Filena, e na memória  
          Gravou também Amor aquela glória  
          Em que me vi um tempo intronizado.

10       Pouco importa que a sua tirania  
          A meu peito fulmine uma vingança,  
          Se me não tira o bem que possuía;

          Conspire contra mim toda a mudança,  
          Que para ser eterna a idolatria  
          Cá fica a bela Imagem na lembrança.

34. Soneto *Compôs um livro o Mestre Frei Luís*

Testemunho manuscrito: BM, Flores do Parnazo, V, [p. 80] = A / BNL, 8582, p. 81 (an.) = A<sub>1</sub>

Versão de A

Resposta

Compôs um livro o Mestre Frei Luís,  
Fez um soneto o Padre Frei Forjaz;  
Um não sabe o que diz, por mais que faz,  
Outro nem o que faz, por mais que diz.

5 O Mestre fez um livro de Aprendiz,  
O Poeta um soneto de Rapaz;  
Que só podem servir cá para trás,  
Na limpeza do fétido país.

---

*Legenda. Falta em A<sub>1</sub>*

1. o Mestre] o Padre A<sub>1</sub>

2. Fez] Fez-lhe A<sub>1</sub>

7. podem] pode A<sub>1</sub>

*Legenda.* Trata-se da resposta ao soneto *Zape, zape, zus, truz, zabumba nele*, que o mesmo testemunho atribui a “Forjaz”, certamente Frei Joaquim Forjaz Pereira Coutinho, e que publicaremos no capítulo V.

1. O livro em causa é o *Compendio de Orthographia*, de Frei Luís do Monte Carmelo, publicado em 1767 (Lisboa, Offic. de Antonio Rodrigues Galhardo).

10 Proíbam-lhe que possam escrever,  
Pondo o livro e o soneto em reclusão,  
Porque se não dêem mais a conhecer.

Açoitem-nos e fiquem na prisão,  
Que tais obras desdouro vêm a ser  
Dos seus Frades, da Pátria e da nação.

---

9. Proiba-se-lhe logo o escrever  $A_1$

11. dêem] dê  $A_1$

12. fiquem na] vivam em  $A_1$

ABBA / ABBA / CDC / DCD

## **B. POEMAS DE AUTORIA DUVIDOSA**





35. Soneto *O semblante risonho e engraçado*

Testemunho impresso: Collecção de Poesias Ineditas, II, 1810, p. 12 (an.) =  $A_1$

Testemunhos manuscritos: BNL, 8610, p. 17 =  $A$  / BNL, 8603, p. 602 (Manuel Inácio de Sousa) =  $A_2$

/ BADE, FM, 424, f. 27v =  $A_3$  / BPMP, 1129, p. 31 (Manuel Inácio de Sousa) =  $A_4$  / BA, 50-III-48, f.

2r (an.) =  $A_5$

Versão de  $A$

O semblante risonho e engraçado  
Me voltou a suavíssima alegria;  
Nas cruéis mãos da hórrida agonia  
O aflito coração sinto apertado.

5      A medonha tristeza vejo ao lado  
Fazer-me acerba e horrível companhia;  
E até sinto vogar na fantasia  
A triste imagem do meu doce estado.

Com seu pesado braço a desventura,  
10      Descarregando em mim golpes violentos,  
Me vai levando à fria sepultura.

---

4. O aflito] O triste  $A_5$ , sinto] vejo  $A_5$

7. vogar] vagar  $A_1$   $A_5$  andar  $A_4$

8. A triste] Ó triste  $A_4$ , do meu] de meu  $A_3$ , doce] feliz  $A_2$   $A_3$   $A_4$

Que tristes, que horrorosos pensamentos!  
Eu vejo a morte involta em névoa escura,  
Mas não chego a pôr fim aos meus tormentos.

---

14. chego] chega  $A_1 A_2 A_4 A_5$ , aos meus] a meus  $A_2 A_3 A_4$

## **V. ANOTAÇÃO COMPLEMENTAR DE POEMAS**



Peça 7. Ode *Como torna outra vez à nossa idade*

Alberto Pimentel, em *O Porto por Fora e por dentro* (s.d.: 90), referindo-se à figura de João de Almada e Melo, transcreve uma passagem da ode de Francisco de Sales. Nas páginas seguintes, faz referência a outros poemas dedicados a esta importante figura da história portuense, de que cita algumas passagens. Foi contudo Carlos de Passos (1968: 18) quem apresentou uma relação circunstanciada das numerosas e variadas composições literárias dirigidas ao primeiro dos Almadás. Foi também este historiador quem chamou a atenção para o soneto que o Abade de Jazente dedicou ao Governador das Armas do Porto: «Dos teus, ó Porto, antigos Horizontes» (*Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos, Abade de Jazente*, tomo I, Porto, Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1786, p. 105).

Peça 34. Soneto *Compôs um livro o Mestre Frei Luís*

O texto de Sales é uma réplica ao soneto *Zape, zape, zus, truz, zabumba nele*, que o mesmo testemunho manuscrito atribui a “Forjaz”, certamente Frei Joaquim Forjaz Pereira Coutinho.

De acordo com Inocêncio (1860: IV, 79-80 e 1884: XII, 41), Frei Forjaz era eremita augustiniano, tendo vivido entre 1742 e 1798. Sócio da Arcádia de

Roma, da Real Academia de História e da Academia Real das Ciências, publicou várias obras em prosa e uma ode. O autor do *Diccionario Bibliographico* acrescenta que teria deixado algumas poesias manuscritas, entre as quais estariam sonetos satíricos dirigidos a Frei Luís do Monte Carmelo.

O poema de Forjaz é também transmitido, com variantes, por outros quatro testemunhos manuscritos: ACL, 27V, 325 (an.); BA, 49-III-54 – n.º 82 (an.); BGUC, 406, f. 134r (Frei Joaquim Forjaz); BNL, 8582, p. 69 (Frei Joaquim Forjaz). Editá-mo-lo de seguida a partir de BM, Flores do Parnazo, V, [p. 79]:

Em aplauso do célebre Dicionário do Padre Mestre Frei Luís do Monte Carmelo

Zape, zape, zus, truz, zabumba nele;  
Alerta, Amigos meus, vamo-lhe ao fole;  
Não cuide o tolo que por cá se engole  
A lição que no livro nos deu ele.

Façamos com que o Padre se arrepele  
Ou que de ser Autor se desconsole;  
E porque asneiras mais não desenrole,  
Com quatro pulhas se lhe zurza a pele.

Mas pulhas não, porque isso é ser rapaz;  
Não é razão se empulhe quem nos diz  
Uma língua que já nos fica atrás.

É de um copo quebrado o som tris, tris;  
Albarda é um gibão que agora traz  
Sobre os ombros o Padre Frei Luís.

Refira-se ainda que há outro soneto com uma primeira quadra idêntica à do poema de Francisco José de Sales, do qual se revela globalmente próximo. Transmitido por BNL, 8582, p. 80 e BGUC, 406, f. 143r, figura em ambos os manuscritos sem indicação de autoria. Editá-mo-lo aqui a partir do último testemunho:

Compôs um livro o Padre Frei Luís,  
Fez-lhe um Soneto o Padre Frei Forjaz;  
Um não sabe o que diz, por mais que faz,  
Outro nem o que faz, por mais que diz.

Só a palavra *Burro*, por um triz,  
O bom vocabulário é que não traz;  
E o Poeta, na Sátira incapaz,  
Mostra daquele autor ser aprendiz.

Um em prosa, outro em verso, ambos dois sós,  
Mutuamente compondo o seu tum, tum,  
Vêm a falta a suprir daquela voz.

Que importa pois {e}squecesse tremo algum,  
Se no que ambos escrevem vemos nós  
Lembrado o próprio nome de cada um.

A obra de Frei Luís do Monte Carmelo motivou outros poemas satíricos. Apresentamos de seguida uma relação, certamente incompleta, desses textos, repar-tidos por formas poemáticas e ordenados alfabeticamente pelo primeiro verso, que foi objecto de normalização ortográfica:

I. Poemas em décimas heptassilábicas

Este tal Livro ou Livrão  
Testemunho manuscrito  
BNL, 8582, p. 94-97 (an.)

Quem bate a esta Portaria  
Testemunho manuscrito  
BNL, 8582, p. 98 (an.)

II. Sonetos

À grega gente, à inculta cafraria  
Testemunhos manuscritos  
BA, 49-III-54 – n.º 150, g (an.)  
BNL, 8582, p. 77 (an.)

A página sofri, tive o caminho  
Testemunho manuscrito  
BNL, 8582, p. 91 (an.)

A plebe inteiramente o que é trás, trás  
Testemunho manuscrito  
BA, 49-III-54 – n.º 150, h (an.)

A plebe inteiramente o que é *truz*, *truz*  
Testemunho manuscrito  
BNL, 8582, p. 78 (an.)



*Arre é andar e Burro é ser jumento*

Testemunhos manuscritos

BA, 49-III-54 – n.º 150, e (an.)

BNL, 8582, p. 72 (an.)

*Arre lá, tanta asneira amontoada*

Testemunhos manuscritos

BA, 49-III-54 – n.º 150, b (an.)

BNL, 8582, p. 74 (an.)

*Este, ou Livro ou compêndio ou que se chama*

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 93 (an.)

*Imprimiu correctíssimas doutrinas*

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 88 (an.)

*Meninos que quereis escrever certo*

Testemunhos manuscritos

BA, 49-III-54 – n.º 150, c (an.)

BNL, 8582, p. 76 (an.)

*Meu Padre Frei Luís, não posso crer*

Testemunhos manuscritos

ACL, 27V, p. 324-325 (an.)

BA, 49-III-54 – n.º 83 (an.)

BA, 49-III-60, p. 179 (P.<sup>o</sup> Brás da Costa de Mendonça)

BNL, 8582, p. 79 (an.)

Não há mais sapientíssima fadiga

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 89 (an.)

Não o Autor, mas quem tanto revê nele

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 86 (an.)

Nem os *contos* sem conto de *Trancoso*

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 92 (an.)

Parabéns, sábio Luís, vos damos todos

Testemunho manuscrito

BA, 49-III-54 – n.º 150, a (an.)

BNL, 8582, p. 73 (an.)

Que diabo te moveu, ó Frei Luís

Testemunhos manuscritos

BA, 49-III-54 – n.º 150, f (an.)

BNL, 8582, p. 75 (an.)

Que diz a isto, Mestre Frei Luís?

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 82 (an.)

Recebei, meus meninos, o conselho

Testemunhos manuscritos

BA, 49-III-54 – n.º 150, d (an.)

BNL, 8582, p. 71 (an.)

Tal micelânea, tão amontoadas

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 90 (an.)

Tão mau o livro está! Que viram nele

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 85 (an.)

Um composto de grande Ortografia

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 87 (an.)

Vá feito zus, catrus, saltemos nele

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 70 (an.)

Zabumba outra vez nele, que inda bole

Testemunho manuscrito

BNL, 8582, p. 84 (an.)



## **VI. BIBLIOGRAFIA**



## A. Testemunhos impressos

BARBOSA, Januário da Cunha

1830, *Parnazo Brasileiro ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas como já impressas*, tomo I, caderno 2.º, Rio de Janeiro, Typographia Imperial e Nacional.

1810, *Collecção de Poesias Ineditas dos Melhores Authores Portuguezes*, tomo II, Lisboa, Nova Offic. de João Rodrigues Neves.

1789, *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes*, Abril de 1789; Lisboa, Offic. de Filippe da Silva e Azevedo

1789a, *Jornal Encyclopedico dedicado á Rainha Nossa Senhora e destinado para instrucção geral com a noticia dos novos descobrimentos em todas as sciencias, e artes*, Maio de 1789; Lisboa, Offic. dos Herdeiros de Domingos Gonçalves.

1784, *Miscellanea Curiosa, e Proveitosa, ou Compilação, tirada das melhores obras das nações estrangeiras*, traduzida, e ordenada por \*\*\* C.I.; tomo VI, Lisboa, Typografia Rollandiana.

SALES, Francisco José de

1789, *No dia 21 de Setembro de 1788. Faustissimo pelo nascimento do Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor D. Thomaz Joseph de Mello, do Conselho de Sua Magestade, Cavalleiro da Sagrada Religião de Malta, Coronel do Mar, da Armada Real da mesma Senhora, Governador, e Capitão General de Pernambuco, Paraíba, e mais provincias annexas, &c. &c. &c. Acabada a representação do insigne drama de Metastasio intitulado 'Ezio em Roma' recitou o primeiro actor a seguinte Licença composta por Francisco Joseph de Sales, Lisboa, Offic. Patriarc. de Francisco Luiz Ameno.*

SALES, Francisco José de

*s/d, Ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Joam de Almada, e Mello. Do Concelho de S. M. F. Tenente General dos seus Exércitos, com o Governo das Armas do Porto, e seu Partido. Governador das Justiças, Prezidente da Marinha, e da Câmara da mesma Cidade, &c. &c. &c., s.l., s.i.*

## **B. Testemunhos manuscritos**

### I. Biblioteca da Ajuda

1. Ms. 50-III-48

### II. Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora

– Fundo Manizola

2. Ms. 424

3. Ms. 542



III. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

4. Ms. 2555

IV. Biblioteca Mindlin (biblioteca particular de São Paulo)

5. Ms. intitulado «Collecção Poetica», vol. II

6. Ms. intitulado «Flores do Parnazo», vol. IV

7. Ms. intitulado «Flores do Parnazo», vol. V

V. Biblioteca Nacional de Lisboa

8. Cod. 8582

9. Cod. 8603

10. Cod. 8610

11. Cod. 11491

VI. Biblioteca Pública Municipal do Porto

12. Ms. 1129

**C. Outros testemunhos manuscritos citados**

I. Academia das Ciências de Lisboa

– Série Vermelha

1. Ms. 27

II. Biblioteca da Ajuda

2. Ms. 49-III-54 – n.º 150

III. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

3. Ms. 406

**D. Ensaios com elementos para o estudo de Francisco José de Sales**

MORAES, Rubens Borba de

1969, *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da U.S.P.

MORAIS, Francisco

1949, *Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil*, in «Brasília», vol. IV – Suplemento: Publicação Comemorativa do Quarto Centenário da Cidade do Salvador; Coimbra, Universidade de Coimbra.

PASSOS, Carlos de

1960, *Os Almadás, Reformadores do Porto*, Porto, s.e. (separata de «Boletim dos Amigos do Porto», III, n.º 1-2).

PIMENTEL, Alberto

s/d, *O Porto por Dentro e por Fora*, Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron.

SILVA, Inocêncio Francisco da e ARANHA, Brito

1859, 1860, 1870 e 1884, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vols. II, III, IV, IX e XII, Lisboa, Imprensa Nacional.

TOPA, Francisco

1998, *Edição Crítica da Obra do Poeta Setecentista Manuel Inácio de Sousa 'Faialense'*, Porto, Edição do Autor.

TOPA, Francisco

1998a, *Para uma Edição Crítica da Obra do Arcade Brasileiro Silva Alvarenga – Inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*, Porto, Edição do Autor.

#### **E. Edições citadas de outros poetas da época**

CABRAL, Paulino António

1786-1787, *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos, Abbade de Jazente*, 2 tomos, Porto, Officina de Antonio Alvarez Ribeiro.

#### **F. Dicionários**

FALCÓN MARTÍNEZ, Constantino, FERNÁNDEZ-GALIANO, Emilio e LÓPEZ MELERO, Raquel

1997, *Dicionário de Mitologia Clássica*, Lisboa, Presença.

GRIMAL, Pierre

1992<sup>2</sup>, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, coordenador da edição portuguesa: Victor Jabouille; Lisboa, Difel.

FRANCISCO TOPA

---

SILVA, António de Moraes

1889, *Diccionario da Lingua Portuguesa*, 2 vols. Rio de Janeiro, Empreza Literaria Fluminense.